



FACULDADE DE ARQUITETURA
UNIVERSIDADE DE LISBOA

U LISBOA | UNIVERSIDADE
DE LISBOA



O RURAL E O CONTEMPORÂNEO

REABILITAÇÃO E RECONVERSÃO PARA POUSADA DO PALACETE EM SANTA MARIA DA FEIRA -
ALDEIA DE SANTIAGO DO LOBÃO

Ana Beatriz Pinto Leite
(Licenciada em Estudos Arquitetónicos)

Projeto Final de Mestrado para a obtenção do Grau de Mestre em Arquitetura

Orientação Científica
Professor Doutor Ricardo Silva Pinto
Professor Doutor Paulo Jorge Garcia Pereira

Júris
Professor Doutor Pedro Jorge Dias Pimenta Rodrigues (Presidente)
Professor Doutor Maria de Soledade Gomez Paiva Sousa (Vogal)

Faculdade de Arquitetura da Universidade de Lisboa
Lisboa, janeiro 2019

TÍTULO

O RURAL E O CONTEMPORÂNEO

Reabilitação e Reconversão para Pousado do Palacete em Santa Maria da Feira -
Aldeia de Santiago do Lobão

NOME

Ana Beatriz Pinto Leite

ORIENTAÇÃO

Professor Doutor Ricardo Silva Pinto
Professor Doutor Paulo Jorge Garcia Pereira

Projeto Final de Mestrado para a obtenção do Grau de Mestre em Arquitetura
Lisboa, outubro 2018

RESUMO

O espaço rural tem vindo a sofrer um processo de transformações, com a procura de alternativas à agricultura e de funções associadas à ruralidade, onde o turismo tem vindo a destacar-se. Nos meios rurais a atividade turística facilita a sua promoção, a proteção do património e edificados, a revitalização social e económica destas áreas. Deste modo, a aliança entre o espaço rural e o turismo é importante como técnica de desenvolvimento destas regiões.

PALAVRAS- CHAVE

ESPAÇO RURAL
REABILITAÇÃO
MEMÓRIA
TURISMO
POUSADA

Este projeto Final de Mestrado tem como objetivo a elaboração de uma proposta urbana, onde o turismo e o espaço rural se interligam, para a área rural da aldeia de Santiago do Lobão, concelho de Santa Maria da Feira.

A área de intervenção reflete a maioria das realidades vividas no espaço rural e esta proposta reflete a consciência da problemática que o interior de Portugal atravessa.

(119 Palavras)

TITLE

THE RURAL AND THE CONTEMPORARY

SUBTITLE

Redevelopment and transformation of the palace into a small hotel, in Santa Maria da Feira, village of Santiago do Lobão

NAME

Ana Beatriz Pinto Leite

ADVISORS

Ricardo Silva Pinto, PhD
Paulo Jorge Garcia Pereira, PhD

Master's Degree in Architecture
Lisbon, October 2018

ABSTRACT

Rural areas have been undergoing a series of transformations as a result of the search for alternatives to agriculture and rural life, mainly through tourism. In rural areas, tourism leads to the promotion of the area itself, the protection of its heritage and buildings as well as to social and economic revitalization. Thus, tourism plays a key role in the development of these areas.

KEYWORDS

RURAL AREA
REHABILITATION
MEMORY
TURISMO
POUSADA

This Master's thesis aims to present a proposal for urban redevelopment in which tourism and the countryside are brought together in the village of Santiago do Lobão, in Santa Maria da Feira.

This redevelopment project takes the realities of life in the countryside into account and this proposal aims to address some of the problems that inland Portugal has been undergoing.

(114 Words)

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, à minha irmã, à minha avó, ao Filipe, família e amigos.

Aos meus orientadores Ricardo Silva Pinto e Paulo Garcia Pereira.

A todos, por tudo.

ÍNDICE

	Pág.
ÍNDICE DE IMAGENS	1
CAPÍTULO I INTRODUÇÃO	5
METODOLOGIA	7
OBJETIVOS	9
PARTE I ENQUADRAMENTO TEÓRICO E ESTADO DA ARTE	
CAPÍTULO II O RURAL E O CONTEMPORÂNEO	13
A DEFINIÇÃO DE ESPAÇO RURAL	13
CONTEMPORANEIDADE E INTERVENÇÃO NO ESPAÇO RURAL	14
A EVOLUÇÃO DO TURISMO NA VIRAGEM DO SÉCULO	19
RESENHA HISTÓRICA DO CONCEITO TURÍSTICO – POUSADA	21
CAPÍTULO IV. PROJETOS DE REFERÊNCIA	27
POUSADA DE SANTA MARINHA DA COSTA	27
POUSADA FLOR DA ROSA	35
POUSADA DO CONVENTO DE N. ^a SR. ^a DA ASSUNÇÃO	41
PARTE II ANÁLISE DO TERRITÓRIO	
CAPÍTULO V. CONTEXTO HISTÓRICO DA ALDEIA DE SANTIAGO DO LOBÃO	49
ENQUADRAMENTO TERRITORIAL	49
CONTEXTO HISTÓRICO-SOCIAL	50
CAPÍTULO VI. A ORIGEM DA QUINTA	53
ORIGEM: HISTÓRIA FAMILIAR E LOCAL	53
METABOLISMO DO CONJUNTO EDIFICADO	55
DESCRIÇÃO DA FACHADA (ESQUEMA TIPOLÓGICO)	59
CAPÍTULO VII. GRAUS DE CONSERVAÇÃO: PATOLOGIAS	61
PARTE III PROPOSTA	
CAPÍTULO VIII.1. ESTRATÉGIA GERAL DE INTERVENÇÃO	67
CAPÍTULO VIII.2 CONTEÚDO PROGRAMÁTICO	69
CAPÍTULO VIII.3 PROPOSTA DE INTERVENÇÃO	71
PARTE IV CONSIDERAÇÕES FINAIS	75
PARTE V BIBLIOGRAFIA	81
PARTE VI ANEXOS	85
INSPIRAÇÕES ARQUITETÓNICAS	87
ELEMENTOS FOTOGRÁFICOS – PALACETE	95

ÍNDICE DE IMAGENS

	Pág.
Figura 1. CASA DE OFIR, 1959	15
Figura 2. MOSTEIRO DE REFÓIOS DO LIMA E ESCOLA SUPERIOR AGRÁRIA DE PONTE DE LIMA	15
Figura 3. POUSADA NO MOSTEIRO CISTERCIENSE DE SANTA MARIA DO BOURO	16
Figura 4. CASA DE MOLEDO DO MINHO	16
Figura 5. DUAS CASAS, PONTE DE LIMA	17
Figura 6. HERDADE DE SÃO LOURENÇO DO BARROCAL, ALENTEJO	17
Figura 7. PLANTAS DA POUSADA DE S. GONÇALO, MARÃO	24
Figura 8. PLANTAS DA POUSADA DE STA. LUZIA, ELVAS	24
Figura 9. PLANTAS DA POUSADA DE S. JERÓNIMO, CARAMULO	25
Figura 10. PLANTAS DA POUSADA DA SENHORA DAS NEVES, ALMEIDA	25
Figura 11.. PLANTAS DA POUSADA DE ÓBIDOS, ÓBIDOS	26
Figura 12. PLANTAS DA POUSADA DE S. JERÓNIMO, CARAMULO	26
Figura 13. VISTA GERAL SUDOESTE, 1975	27
Figura 14. FOTOGRAFIAS ANTERIORES À INTERVENÇÃO – 1942	28
Figura 15. CORTE TRANSVERSAL- 1975	29
Figura 16. CORTE TRANSVERSAL- 1975	29
Figura 17. EVOLUÇÃO CONSTRUCTIVA	29
Figura 18. PLANTA PISO TÉRREO	31
Figura 19. PLANTA PISO -1	32
Figura 20. PLANT PISO 1	32
Figura 21. ALÇADO SUL	33
Figura 22.. ALÇADO NORTE	33
Figura 23. ALÇADO NASCENTE	33
Figura 24. CORTE LONGITUDINAL	33
Figura 25. CORTE TRANSVERSAL	33
Figura 26. FOTOGRAFIAS POSTERIORES À INTERVENÇÃO – 2018	34
Figura 27. VISTA GERAL SUDOESTE, ATUAL	35
Figura 28. RECONSTITUIÇÃO EM PLANTA DO EDIFÍCIO – SEGUNDA METADE DO SÉC. XIV	35
Figura 29. RECONSTITUIÇÃO EM PLANTA DO EDIFÍCIO – FINAL DO SÉC. XIV	35
Figura 30. ALÇADO PRINCIPAL, 1940	36
Figura 31. ALÇADO LATERAL DIREITO, 1940	36
Figura 32. ALÇADO POSTERIOR, 1940	36
Figura 33. ALÇADO LATERAL ESQUERDO, 1940	36
Figura 34. FOTOGRAFIAS ANTERIORES À INTERVENÇÃO – 1942	36
Figura 35. PLANTA INFERIOR	38
Figura 36. PLANTA SUPERIOR	38
Figura 37. ALÇADO NORTE	38
Figura 38. ALÇADO NASCENTE	39
Figura 39. ALÇADO SUL	39
Figura 40. CORTE TRANSVERSAL	39
Figura 41. FOTOGRAFIAS POSTERIORES À INTERVENÇÃO – 2018	40
Figura 42. VISTA GERAL SUDOESTE, ATUAL	41
Figura 43. FOTOGRAFIAS ANTERIORES À INTERVENÇÃO – 1996	42
Figura 44. . EVOLUÇÃO DA CONSTRUÇÃO: ATÉ AO SÉC. XVIII, ATÉ AO SÉC. XX E A NOVA FUNÇÃO DE POUSADA	43
Figura 45. PLANTA INFERIOR	44
Figura 46. PLANTA SUPERIOR	44
Figura 47. CORTE TRANSVERSAL	45
Figura 48. CORTE LONGITUDINAL	45
Figura 49. FOTOGRAFIAS POSTERIORES À INTERVENÇÃO – 2018	45
Figura 50. EXEMPLAR DE MARCO DA ORDEM DOS TEMPLÁRIOS/CRISTO	51
Figura 51. MARCOS DOS LIMITES ATUAIS DA FREGUESIA	52
Figura 52. CONDE DE S. TIAGO DO LOBÃO	53
Figura 53. VISTA DA FACHADA PRINCIPAL ATRAVÉS DA RUA DE SANTIAGO	55
Figura 54. ALÇADO PRINCIPAL	55
Figura 55. VISTA DO TERRENO PARA A FACHADA LATERAL	55

Figura 56. ALÇADO LATERAL	55
Figura 57. ALÇADO TARDOZ	56
Figura 58. VISTA TARDOZ VISTO DO EIRADO	56
Figura 59. DEPENDÊNCIAS AGRÍCOLAS VISTA DO PALACETE	56
Figura 60. PLANTA PISO SUBTERRÂNEO	56
Figura 61. TANQUE E POMBAL	57
Figura 62. PLANTA PISO TÉRREO	57
Figura 63. ARCAS DE ACESSO A ADEGA E ESTÁBULO	57
Figura 64. COMPARTIMENTAÇÃO PISO TÉRREO – ESTÁBULO	57
Figura 65. PLANTA PISO NOBRE	57
Figura 66. COMPARTIMENTAÇÃO PISO TÉRREO – ADEGA	57
Figura 67. SALA DE ESTAR	57
Figura 68. COZINHA	57
Figura 69. VISTA DAS SALAS PARA AS ESCADAS	58
Figura 70. LANTERNIN	58
Figura 71. PLANTA DE COBERTURA	58
Figura 72. ESCADARIA	58
Figura 73. VISTA DA VARANDA	58
Figura 74. ALÇADO PRINCIPAL - ANÁLISE MÉTRICA	59
Figura 75. ALÇADO LATERAL - ANÁLISE MÉTRICA	59
Figura 76. ALÇADO TARDOZ - ANÁLISE MÉTRICA	60
Figura 77. EXEMPLOS DE PATOLOGIAS NOS REVESTIMENTOS INTERIORES	62
Figura 78. EXEMPLOS DE PATOLOGIAS NOS REVESTIMENTOS EXTERIORES	63
Figura 79. EXEMPLOS DE PATOLOGIAS NOS TETOS E PAVIMENTOS	63
Figura 80. EXEMPLOS DE PATOLOGIAS DOS DISPOSITIVOS CONTRA QUEDA	64
Figura 81. PLANTA ESQUEMÁTICA DOS EDIFÍCIOS A REABILITAR, DEMOLIR E NOVA CONSTRUÇÃO	68
Figura 82. ESQUEMA DAS ÁREAS DE INTERVENÇÃO	70
Figura 83. ILUSTRAÇÃO DA VISTA DA GALERIA PARA O EIRADO E NOVA CONSTRUÇÃO	71
Figura 84. ILUSTRAÇÃO DA VISTA DA RECEÇÃO PARA O EIRADO E PARA A NOVA CONSTRUÇÃO	71
Figura 85. VISTA DA GALERIA	72
Figura 86. PERCURSO 2 - VISTA PARA A ZONA DA PISCINA EXTERIOR	73
Figura 87. PERCURSO 1 - VISTA PARA A O EIRADO	73
Figura 88. HERDADE DE SÃO LOURENÇO DO BARROCAL EM REGUENGOS DE MONSARAZ, SOUTO MOURA	76
Figura 89. CONVENTO DAS BERNARDAS DE TAVIRA, SOUTO MOURA	76
Figura 90. LONGROIVA HOTEL RURAL	76
Figura 91. PALACETE ANTES (1903) E DEPOIS (2015) DA REABILITAÇÃO	85
Figura 92. PLANTA PISO TÉRREO	85
Figura 93. PLANTA PISO 1	85
Figura 94. PLANTA PISO 2	86
Figura 95. ALÇADO DA FACHADA PRINCIPAL	86
Figura 96. CORTE TRANSVERSAL	86
Figura 97. CORTE LONGITUDINAL	86
Figura 98. FOTOGRAFIAS DEPOIS DA REABILITAÇÃO, 2015	86
Figura 99. VISTA DO GRAN CANAL	88
Figura 100. PLANTA PISO TÉRREO – 1505	88
Figura 101. ILUSTRAÇÃO ALUSIVA ÀS ATIVIDADES MERCANTIS – 1616	88
Figura 102. PLANTA PISO TÉRREO, AMARELOS & ENCARNADOS, DESDE 1900	89
Figura 103. RECONSTRUÇÃO DAS ARCADAS – 1930	89
Figura 104. CORTE TRANSVERSAL	89
Figura 105. FOTOGRAFIAS POSTERIORES À INTERVENÇÃO	90
Figura 106. VISTA GERAL NORTE, ATUAL	91
Figura 107. PLANTA PISO TÉRREO	92
Figura 108. PLANTA PISO 1	92
Figura 109. FOTOGRAFIAS ANTERIORES À INTERVENÇÃO	92
Figura 110. ALÇADO OESTE	93
Figura 111. ALÇADO ESTE	93
Figura 112. ALÇADO SUL	93
Figura 113. CORTE TRANSVERSAL	93

Figura 114. CORTE LONGITUDINAL

93

Figura 115. FOTOGRAFIAS POSTERIORES Á INTERVENÇÃO

94

CAPÍTULO I | INTRODUÇÃO

O conceito de espaço rural tem vindo a sofrer alterações ao longo do tempo, adequando-se a novas realidades. Esta “nova ruralidade” começou a aparecer conotada à modernidade e ao turismo, como alternativa à agricultura.

Nas últimas décadas surgiram várias intervenções ao património nacional situado em meio rural, adaptando-o a uma nova era e tornando-o acessível aos visitantes, de forma a dar a conhecer a identidade dos edifícios e dos lugares. Exemplo disto, são as reabilitações e reconversões feitas no Mosteiro de Santa Marinha da Costa, Mosteiro Flor da Rosa e Convento de Ns. ^a Sr.^a da Assunção, onde a área hoteleira surge como programa.

Estes “grandes exemplos” de estudo que apresento, como que as guias para uma disciplina interventiva, que contem especificidades que fragmentariamente ou até no seu todos se aproximam das minhas intenções. São, por isso, excelentes objetos de estudo e de comparação, até mesmo em termos funcionais.

Naturalmente que um caso como este não é de fácil resolução: existe, claramente, um corte de linguagens, como se verá. Mas esse corte, sendo aqui inevitável em função do programa a adotar obedece, a um quadro de sensatez e de regularização em que o contraste entre o novo e o antigo se valorizam mutuamente.

O trabalho que me proponho realizar pretende conjugar estas premissas, nele apresentando uma proposta de adaptação do Palacete situado na freguesia de Santiago do Lobão. Pretendo adaptá-lo a pousada, conjugando o conceito de ruralidade com os novos paradigmas do turismo.

A reabilitação e o futuro turístico da região constituem a base de reflexão que se irá desenvolver ao longo desta tese, onde a arquitetura se apresenta como o elemento conector destas duas realidades.

METODOLOGIA

O presente trabalho foca-se na revitalização do edificado e da sua envolvente próxima para a criação de uma pousada, na forma como a arquitetura pode dar resposta a esta condição e qual o papel do turismo enquanto atividade dinamizadora. Desta forma, o projeto irá abordar questões relacionadas com o turismo, a história do lugar e a intervenção em pré-existências.

A sua organização é feita em duas fases distintas, que se interlaçam no seu desenvolvimento: uma primeira de natureza teórica que dá origem a uma segunda fase de génese prática.

A primeira fase consistiu na recolha da escassa informação relativa ao edifício pré-existente, com várias deslocações ao local, permitindo visitar o interior da quinta e do palacete, de forma a conseguir completar os levantamentos e representações rigorosas que se encontravam inacabadas. Após o enquadramento territorial, demográfico, socioeconómico, patrimonial e histórico do local, prossegui para a compreensão do conceito de ruralidade e como esta pode estar ligada com a contemporaneidade, e também para o panorama do turismo na viragem do século, onde a arquitetura levou ao surgimento de novos paradigmas turísticos. A interpretação e interligação destes conceitos é demonstrada e analisada nos casos de estudo que seleccionei como base para a proposta projetual.

A segunda fase compreende o desenvolvimento da proposta de intervenção, com o desenvolvimento de um novo produto turístico para a Aldeia do Lobão, iniciando-se com a definição da proposta a nível concetual e acabando com a concetualização ao nível da arquitetura. Esta componente prática foi desenvolvida com recurso a um conjunto de peças desenhadas e maquetes, de escalas e carácter distintos, terminando com a elaboração de peças gráficas como plantas, cortes e alçados.

OBJETIVOS

Com o propósito de orientar a elaboração do presente trabalho e calcular respostas, levantam-se múltiplas questões sobre as quais procuro refletir. Pretendo compreender a relação entre o património arquitetónico e o turismo; de que modo é possível um edifício pré-existente responder às necessidades de novos usos do espaço; e, por fim, como é possível utilizar a identidade do lugar como produto turístico. O local sobre o qual este trabalho incide, a Aldeia de São Tiago do Lobão, conduz a investigação à procura de um turismo com competências para desenvolver o local.

São estas as principais premissas sobre as quais recai o desenvolvimento deste trabalho e sobre a ligação da arquitetura com o turismo. No que diz respeito à seleção do lugar, é justificada não só pela escassez de produtos turísticos, mas também pela riqueza arquitetónica e cultural do lugar.

Espera-se que o Palacete de Santiago se torne não só integrado no património cultural da região, mas também que dinamize a atividade turística da mesma.

PARTE I | ENQUADRAMENTO TEÓRICO E ESTADO DA ARTE
O RURAL E O CONTEMPORÂNEO, O TURISMO, PROJETOS DE REFERÊNCIA

CAPÍTULO II | O RURAL E O CONTEMPORÂNEO

A DEFINIÇÃO DE ESPAÇO RURAL

“Rural também se usa como oposição de urbano, (...) esta dicotomia se estabilizou e se baralhou para sempre como o processo de modernização, segundo o qual e de forma simplificada, o rural designaria o lugar de partida do êxodo rural em direção à urbanização intensa e rápida, e a agricultura conheceria uma tendência de mecanização, especialização e industrialização que acabaria com o campesinato e com as especificidades das sociedades e culturas camponesas, os seus territórios e paisagens tradicionais”¹.

O contraste e oposição entre espaço rural e espaço urbano é evidente a níveis urbanísticos, mas quando tentamos interpretar os conceitos, as realidades complicam-se.

Atualmente o rural apresenta-se como um fenómeno diverso, multifacetado e heterogéneo, não devendo ser interpretado *“nem como o contrário de urbanidade, nem como o seu prolongamento, degradação do estado anterior ou ressurgência”²*. Para José Francisco Veiga, os conceitos de rural e urbano não são realidades homogéneas, pelo contrário *“as características dominantes são a diversidade, heterogeneidade, contribuindo para fronteiras imprecisas entre o rural e urbano”*, acrescentando ainda que a *“mobilidade crescente entre as cidades e os campos e vice-versa, a homogeneização dos modos de vida e comportamentos sociais, o recuo demográfico da agricultura, a industrialização e terciarização difusas (...) muito têm contribuído”³*.

Consequentemente esta nova realidade coloca novos desafios ao espaço rural de modo a promover um espaço de consumo, multifuncional, vivo e dinâmico, onde o turismo representa uma oportunidade para estes territórios.

Com efeito, podemos referir que *“até há bem pouco tempo ruralidade e interior era sinónimo de pobreza, atraso, exclusão social e analfabetismo. Hoje em dia esse conceito está totalmente revisto e alterado e ruralidade passou a significar turismo,*

¹ DOMINGUES, Álvaro. *Vida no Campo*. Dafne Editora. 2012, p.7

² KAYSER, Bernard. *La Renaissance rurale. Sociologie des Campagnes du Monde Occidental*. Paris. Armand Colin, 1990, p.28

³ VEIGA, José Francisco Ferragolo da. *Território e Desenvolvimento Local*. Oeiras. Celta. 2005, p.9-10

preservação ambiental, lazer, desporto e uma economia alternativa à economia agrícola".⁴

CONTEMPORANEIDADE E INTERVENÇÃO NO ESPAÇO RURAL

O *Inquérito à Arquitetura Popular* foi um dos fatores responsáveis pela formação dos arquitetos modernos ou de gosto internacional, por paradoxal que isso possa parecer. O destaque vai para o portuense Fernando Távora (1923-2005), cujo trabalho se vai definir pela crítica como sendo um dos principais expoentes do chamado "regionalismo crítico", apelido que caberia também à obra de Siza Vieira. Seja ou não correta esta atribuição classificativa atribuída por *Keneth Frampton*, o facto é que neste caso, a palavra "regionalismo" alude não a uma relação com a tradição construtiva no sentido mais vernacular, mas antes ao entendimento crítico das diversas variáveis e constrangimentos encontrados em Portugal, no final dos anos 50 e inícios dos anos 60, para a implantação de uma linguagem moderna de carácter internacional. Porém, todos sabemos como muitas das obras de Távora ou de Siza se fizeram numa relação de corte/rutura e de relação cultural e crítica com essa mesma tradição.

Com muita cautela aos métodos tradicionais, Fernando Távora propôs-se refletir sobre a relação da paisagem com a arquitetura enquanto "*operação cultural com reflexos de carácter social. Um modernismo crítico, um regionalismo moderno, deram lugar a obras hoje consideradas incontornáveis na história da arquitetura portuguesa*"⁵.

Como assinala Paulo Pereira "*A análise a que procederam permitiu-lhes detetar regimes estruturais para o habitat minhoto. E nas palavras dos autores, é patente o exercício de uma atenção funcional, antropológica e paisagística, num processo de entendimento e de responsabilização social que daria os seus frutos. Dedicava especial atenção à lógica interna, organização, implantação, inter-relacionamento e distribuição regional dos objetos arquitetónicos. Tratava-se de uma diligência baseada em metodologias modernas e na interdisciplinaridade, tendo em conta a geografia humana e a então nascente antropologia. O empreendimento era essencialmente*

⁴ Gonçalves. Diogo Gil Pereira. *Turismo em Espaço Rural – Aplicação no Parque Natural da Serra da Estrela*. Dissertação de Mestrado em Arquitetura apresentada à Universidade da Beira Interior. Covilhã, 2011

⁵ PEREIRA, Paulo. *As formas in Minho*. Traços de Identidade, Uni. do Minho, 2006

*"realista", no dizer de Paulo Varela Gomes, por oposição à metafísica nostálgica dos anos 30, e desembocava, fatalmente, na impossibilidade de se vir a achar qualquer autenticidade sintética, qualquer modelo de "casa portuguesa" - como já se antecipava, ou melhor, como já se sabia..."*⁶

Mais do que tudo, isto tinha a ver com a possibilidade de reinventar modernamente a paisagem arquitetónica. O resultado inicial ou quase inicial desse trabalho resultou numa crítica suave e de grande inteligência à proposta que Távora sempre quis discutir sobre a casa Portuguesa de Raul Lino, bem patente na Casa de Ofir (1959).

A relação crítica de Távora com a modernidade assume-se com a implantação e a atenção ao lugar e à paisagem circundante, recusando uma linguagem estridentemente moderna. Note-se que até no *layout* interior deu relevo à função e à circulação como que revisitando um ambiente rural através de meios expressivos modernos; e oferecendo à paisagem uma casa unifamiliar com uma conceção de planta orgânica potente, assimilando-se de forma perfeita com o lugar.

*"A casa, mais do que outra qualquer casa modernista, sendo moderna, parece que sempre ali esteve. E é essa equação que Távora vai desenvolver durante a sua vida de projetista, quase sempre inculcando um gosto pela forma e pela função sem qualquer contradição: interpreta os valores locais, e os materiais à disposição, incorpora sintagmas modernos, sem nunca os tornar icónicos"*⁷.

Esta relação crítica de Távora com a modernidade e no seu diálogo com a tradição encontra-se, por exemplo, nos trabalhos de revitalização que realizou a grandes de peças patrimoniais, como aconteceu com a famosa Pousada de Santa Marinha da Costa em Guimarães e a Escola Superior Agrária de Refóios do Lima (Ponte de Lima).

Santa Marinha, que será abordada mais à frente, *"apresenta uma linguagem moderna que interpreta a paisagem e, simultaneamente, obedece à dinâmica a que um monumento deste tipo conduziria (como, de facto, conduziu), caso a sua vida se tivesse prolongado, o que acabou por acontecer através da sua conversão em pousada. A parte de "obra nova" adquire o mesmo valor simbólico que a "obra antiga"*⁸. Já na Escola Superior Agrária situada no Mosteiro de Refóios do Lima, o projetista procedeu à recuperação integral do Mosteiro, seguindo, do ponto de vista



Figura 1. CASA DE OFIR, 1959

Fonte:
www.monumentos.gov.pt



Figura 2. MOSTEIRO DE REFÓIOS DO LIMA E ESCOLA SUPERIOR AGRÁRIA DE PONTE DE LIMA

Fonte: www.ominho.pt

⁶ Idem

⁷ Idem

⁸ Idem

metodológico, os princípios que experimentara na Pousada de St.^a Marinha. Partiu mais uma vez, e informado historicamente e arqueologicamente, da interpretação do crescimento orgânico do edifício que é originalmente medieval, com ampliações do século XVI e ainda reformulado e acrescentado durante todo o século XVII. O ordenamento do território envolvente devolveu, agora com uma vocação de ensino avançado, uma finalidade prática com uma combinação feliz entre os volumes pré-existentes e os novos blocos-dormitório e restantes serviços de apoio, construídos de raiz. Impõe-se na paisagem rural e ganha no perfil que adquire protagonismo.

Outra obra mais recente é a de Eduardo Souto Moura que desenvolve sobretudo uma pesquisa em torno *"da plasticidade das formas modernas, em especial da herança de Mies van der Rohe e do minimalismo que lhe é consequente. Naturalmente, o projetista irá utilizar o granito, tal como o fazia Távora, mas cada vez mais distante de propósitos vernaculares ou regionalistas, integrando-o como elemento expressivo, decorativo até, embora por vezes pareça utilitário"*.



Figura 3. POUSADA NO MOSTEIRO CISTERCIENSE DE SANTA MARIA DO BOURO
Fonte: www.monumentos.gov.pt

A obra emblemática de Souto Moura nos anos 90 iria ser igualmente um trabalho de revitalização patrimonial, que fazia parte do mesmo ciclo das Pousadas do Estado/ENATUR: recuperação e instalação da Pousada no Mosteiro cisterciense de Santa Maria do Bouro (Terras do Bouro, E. Souto Moura, proj. 1992, constr. 1996). *"Aqui, as galerias ou quadras do claustro nas partes respeitantes ao circuito público ficaram "abertas". Para manter o valor visual do conjunto sem contrariar a sua antiga marcação na paisagem, o projetista optou por instalar uma cobertura em placa, totalmente lisa e francamente "corbusieriana", sobre a qual dispôs vegetação. Encontramo-nos perante uma escolha igualmente culturalista (a manutenção da imagem da ruína), mas agora aberta a um jogo entre o velho e o novo e a uma inversão estratégica: a ruína, que deixa de o ser, transforma-se em virtualidade."*⁹



Figura 4. CASA DE MOLEDO DO MINHO
Fonte: www.divisare.com

A Casa de Moledo do Minho (1991), as Duas Casas (em Ponte de Lima, 2001), estabelecem, por sua vez, uma impressionante e culta relação com a paisagem minhota, atitude que continua agora de forma quase radical, extrema, na experiência bem sucedida de que resultou a inserção de uma tipologia nada rural, dir-se-ia mesmo a sua antítese, no premiado Estádio de Futebol de Braga, sem bancadas de topo, por ter sido encaixado numa antiga pedreira de granito, que exhibe cenograficamente os

⁹ Idem

cortes quase verticais ao retângulo do relvado, “*aproveitando uma ferida na matéria-prima da construção, ela mesma*”¹⁰.

Verifica-se assim, e apenas nestes exemplos, uma verdadeira aproximação ao contexto rural e à aceitação no contexto rural de uma linguagem equilibrada e contida, mas de verdadeiro empenhamento contemporâneo.

A reabilitação do espaço rural, após um período dramático de desertificação, vai-se fazendo a pouco e pouco. Embora ainda existam zonas serranas e de interior carecendo de população vai-se dando com a reabilitação de tarefas produtivas cada vez mais recompensadoras: este retorno à terra, com segmentos de produção e de exportação válidos, tem contribuído para o ordenamento rural (ou um reordenamento rural, melhor dizendo).

A fileira vinícola, por exemplo, tem sido responsável pela reabilitação e *amplificação* de quintas e, caso assinalável, por obras de arquitetura de absoluta contemporaneidade quando se trata da fundação de novas adegas. Por outro lado, a fileira turística apresenta-nos oportunidades novas em que, dependendo das escalas como referimos acima, e com um cuidadoso estudo de mercados e de necessidades, leva também ela à reestruturação de pequenos núcleos urbanos rurais, a partir de um projeto que funciona como catalisador.

Um dos casos mais recentes e de imenso interesse do ponto de vista arquitetónico, é a intervenção que classificamos de ultra-minimalista de Souto Moura na Herdade de São Lourenço do Barrocal no Alentejo. A contenção da intervenção resulta de um respeito quase absoluto com as métricas e pequenas correções que só acrescentam valor ao pré-existente. Chega, porventura, a ser desarmante a dificuldade em comparar o “antes” e o “depois”. É como se se tratasse de uma intervenção cirúrgica – e foi, até certo ponto – no interior do edificado, com um reordenamento da circulação e da distribuição.

O “campo” terá assim tendência a escapar da condição fatal que nos relata, por exemplo, de uma forma aguda e de imensa vivacidade, os estados desordenados desse “campo” que já não o é, como nos têm demonstrado os livros de Álvaro Domingos. Mas esta “geografia” do insólito e do “desastre” poderá, deverá e terá de



Figura 5. DUAS CASAS, PONTE DE LIMA
Fonte: www.divisare.com



Figura 6. HERDADE DE SÃO LOURENÇO DO BARROCAL, ALENTEJO
Fonte: www.publico.pt

¹⁰ Idem

dar lugar a geografias de reabilitações não súbitas, mas graduais. Catalisadores, como a que se pretende com o projeto que aqui se defende.

CAPÍTULO III. O TURISMO

A EVOLUÇÃO DO TURISMO NA VIRAGEM DO SÉCULO

O conceito de turismo tem origem no século XIX, e surge associado a um sentido religioso ou a uma intensa procura do conhecimento. Este termo é interpretado por vários autores. Segundo Xavier Pereira Pérez, cuja opinião partilho, o turismo é uma atividade “multifacetada” e “multidimensional”, já Licínio Cunha parte de um ponto de vista mais concetual, e descreve-o como “*movimento temporário de pessoas para destinos fora dos seus locais normais de trabalho e de residência, as atividades desenvolvidas durante a sua permanência nesses destinos e as facilidades criadas para satisfazer as suas necessidades*”¹¹. Do ponto de vista técnico, a Organização Mundial do Turismo caracteriza o turismo como “*o conjunto das atividades desenvolvidas por pessoas durante as viagens e estadas em locais situados fora do seu ambiente habitual por um período consecutivo que não ultrapasse um ano, por motivos de lazer, de negócios e outros*”, ou no dicionário de Língua Portuguesa onde é definido como o “*gosto pela viagem*”¹².

Em Portugal, na viragem do século, o turismo começa a ganhar relevância apesar da sua oferta ser ainda bastante reduzida e “*dispersa pelos principais centros urbanos e por modestas estâncias termais dirigidas para o consumo interno, que se viam complementadas por uma feira de praias provincianas*”¹³. A instabilidade política vivida no país, que se encontrava em transição do regime monárquico para o regime republicano, fazia-se sentir no turismo que se encontrava desorganizado e com falta de incentivos para o seu desenvolvimento, tendo sido contudo tomadas algumas medidas para promoção da área hoteleira. Em 1890, surgiu uma das primeiras iniciativas, através da Companhia de Caminhos de Ferro, que realizou um conjunto de viagens por Portugal com o objetivo de dar a conhecer aos cidadãos portugueses “*monumentos históricos de situação pitorescas, praias de banho, estabelecimentos de águas minerais*”¹⁴.

A vontade de publicitar o turismo e o património português, a nível nacional e internacional, levou em 1909 o governo a enviar um representante ao II Congresso

¹¹ CUNHA, Licínio. *Introdução ao Turismo*. 4ª ed. Lisboa: Editorial Verbo, 2009, p. 30.

¹² Dicionário da Língua Portuguesa, (“Dicionários Editora”), 6º edição, Porto, Porto Editora, 1991

¹³ PINA, Paulo. *O turismo no Século XX*, Lisboa, Lucidus Publicações, 1988, p.11

¹⁴ MATOSSO, José, História de Portugal. A Segunda Fundação, vol.6, Lisboa, Editora Estampa, 1994

Internacional de Turismo, com o objetivo de que Portugal fosse incluído na Federação Franco-Hispânica, passando a denominar-se de Federação-Hispânica-Portuguesa. Em 1907, o fenómeno religioso de Fátima, terá de princípio um impacto regional, para depois, à medida da aceitação pela Igreja do Milagre de Fátima e da sua cultura, transformar-se num local de gradual afluência de peregrinos, onde mais tarde passou a ser reconhecida como um ponto turístico. A 12 de maio de 1911 é realizado em Lisboa o IV Congresso Internacional de Turismo, com a necessidade de criação de um Concelho de Turismo apoiado por uma repartição de Turismo. Apesar do início da nova Repartição do Turismo não ter sido fácil, pois a instabilidade do governo e a guerra adiavam a aplicação de investimentos ao setor, foi responsável pela criação de infraestruturas e pela propaganda da Costa do Sol, fazendo do Estoril a zona de veraneio eleita pela sociedade. Posto isto, tanto o Estoril como Fátima, passaram a ser a imagem de Portugal no estrangeiro

Paralelamente, o conflito mundial entrava em fase de crescimento e a vontade de Portugal em garantir a sua soberania no território colonial, levou ao aparecimento de um futuro pouco favorável que até à década de 40 a Repartição de Turismo teve que enfrentar.

No século XX sequência, de acontecimentos económicos e políticos que comprometeu o crescimento de ações turísticas, o que levou este setor a avançar "*ao sabor de interesses particulares e de uma ingénua política de propaganda política, que se refugiou, sem quaisquer condições para competir com o que se apresentava lá fora, no património monumental e artístico*"¹⁵. Em 1920, a Repartição de Turismo perde independência e funde-se com a Administração-Geral das Estradas, passando a designar-se de Conselho de Administração de Estradas e Turismo. Mais tarde, com a participação de Portugal na Exposição Ibero-americana, o Conselho de Administração sentiu a necessidade de recriar o Conselho Nacional de Turismo, mas agora passando a designar-se de "Jogos e Turismo". Estas medidas deram um novo ânimo ao setor turístico, de tal maneira que começam a aparecer diversos serviços oficiais e privados ligados ao turismo, sendo necessário a realização de um plano de turismo coeso e eficaz que pudesse guiar todas estas ações.

¹⁵ LOBO, Susana. Pousadas de Portugal – Reflexos da Arquitetura do Século XX. Coimbra. U. Coimbra, 2006, p.12

Em 1936, os Órgãos Locais de Turismo, são incorporados pelas autarquias, deixando de ser geridos pelas entidades privadas para passarem a sê-lo pelo poder central. Nesse mesmo ano, durante o I Congresso Nacional de Turismo, é feito um ponto de situação sobre o estado do turismo de Portugal, e com a ajuda do Relatório do Banco de Portugal que afirma que o turismo é um setor importante na balança económica do país, conclui-se pela necessidade de o Estado organizar o Turismo Nacional. Foram ainda propostas várias medidas com vista à criação *“de um organismo único central e diretivo, de caráter administrativo e técnico com os máximos poderes e autonomia, dispondo das dotações orçamentais necessárias para poder realizar obra eficiente”*¹⁶. Apesar dos esforços reunidos, todas estas medidas foram suspensas devido ao início da Guerra Civil Espanhola, acabando o setor turístico por ficar estagnado durante três anos.

O crescente desinteresse do Ministério do Interior pelo turismo, que se encontrava mais preocupado com questões políticas, levou a que a 31 de dezembro de 1939 António Ferro, diretor do Secretariado de Propaganda Nacional, conseguisse transitar a tutela do turismo para o este organismo.

RESENHA HISTÓRICA DO CONCEITO TURÍSTICO - POUSADA

Em Portugal, no início do séc. XX, a oferta turística era reduzida e dominada pela imagem romântica dos “Palace Hotel”. Estas estruturas hoteleiras de luxo, símbolos de um modo de vida, ofereciam à alta sociedade portuguesa as qualidades curativas das águas termais, mas também o descanso, e podiam ser encontradas nos principais centros turísticos e de vilegiatura¹⁷. *“Reflexo dos hábitos e gostos que caracterizam a sociedade portuguesa de então, os “Palace” ainda hoje nos transportam, sob majestosos pés-direitos, para o imaginário cosmopolita de fin de siècle, com as suas fachadas imponentes, elegantes escadarias e extensos salões de baile.”*¹⁸

A partir dos anos 30, é marcada uma viragem no setor, estas estruturas entram em declínio devido ao nascimento de uma nova mentalidade. A filosofia de vida direcionada para o desporto e a atividades ligadas à natureza e ao ar livre,

¹⁶ Idem

¹⁷ Temporada que se passa fora de casa em digressão de recreio, principalmente na estação calmosa; tempo de descanso em praia, campo ou estância balnear. (Dicionário de Português – Dicionários editora, 3^o edição. Porto. Porto Editora)

¹⁸ LOBO, Susana. Pousadas de Portugal – Reflexos da Arquitetura do Século XX. Coimbra. U. Coimbra, 2006, p.22

juntamente com o crescimento das qualidades da indústria farmacêutica, levam a que o papel das instâncias termais perca a sua importância. Em junho de 1933, a revista "Notícias Ilustrado", com o intuito de criar um novo conceito de hotel que promovesse uma nova abordagem turística ao país, lança um concurso intitulado de "Hotel Modelo" dando início ao novo conceito de pousada. O programa do concurso, elaborado pelo arquiteto Raul Lino, propunha oito hotéis, um para cada província portuguesa, com o objetivo de difundir um regresso aos valores tradicionais da cultura portuguesa. O arquiteto propunha um programa baseado no seu mais recente ensaio teórico, "*Casas Portuguesas – Alguns Apontamentos Sobre o Arquetipo de Casas Simples*", que mantém um discurso ligado aos princípios nacionalistas. Apesar de toda a divulgação em torno do concurso, este acabou por não ter o impacto que se esperaria, concluindo-se que a definição do programa não se adequava ao panorama regional português.

Ainda na sequência da campanha do "Noticias Ilustrado" para o "Hotel Modelo", é publicado um artigo de Sanches de Castro em "Impressões de Viagem em Portugal" sobre o Parador¹⁹ de Enrique II de Ciudad Rodrigo, em Espanha, onde descreve: "*A 27km de Portugal podem os Hoteleiros Portugueses, as Comissões de Iniciativa e muita gente mais, receber uma lição de turismo*", onde salientava a pertinência e o valor estético da construção. Situado no castelo de Enrique II, esta pequena pousada, para além de oferecer os mais modernos requisitos da indústria hoteleira, privilegia os seus hóspedes com a sua localização e carácter histórico-monumental. Este Parador insere-se numa estratégia turística, denominada de "*Junta de Paradores y Hosterías de Reind*" e implementada em 1928 pelo Patronato Nacional de Turismo (PNT), que tinha como objetivo promover a cultura e a visita a cidades de interesse histórico e natural, mas que não eram suficientemente apelativas para a indústria privada. Esta estratégia contribua para o crescimento económico das cidades, salvaguardava o restauro dos monumentos e garantia a conservação do património.

Em 1936, com o início da guerra civil espanhola, todo o trabalho desenvolvido pelo PNT fica em suspenso, enquanto em Portugal decorria o I Congresso Nacional de Turismo, um evento de delimitaria um novo rumo para o turismo em nacional, de modo a torná-lo acessível a toda a população, destacando um estudo para um novo modelo turístico, realizado por Francisco Lima, e intitulado por "*Pouzadas*". Francisco

¹⁹ Os Paradores são hotéis de elevada qualidade, situados em Espanha, existem desde 1928, e na sua maioria são edifícios históricos reabilitados, situados em centros históricos ou em áreas classificadas.

Lima, influenciado pelas ações do PNT e pelos conceitos propostos para o "Hotel Modelo", apresenta um estudo "*para a grande massa, para o viajante mais modesto, para o empregado público, para o industrial que deseja conhecer o seu país e instruir-se, para o estudante*"²⁰, propondo um novo tipo de instalação turística que conjugue o Parador com o Albergue. Defendia que as estruturas hoteleiras existentes, os Palace Hotel, não eram mais do que "*... salões de visitas para os nossos hóspedes mais ilustres e para meia dúzia de afortunados, e, pena é, que não sejam mais, que se podem permitir a vida ou o descanso em condições que a maioria não pode atingir*"²¹. Estas novas instalações deveriam ser adaptadas a cada um das regiões onde seriam inseridas, não deveria ser uma estrutura que se aproximasse de um Hotel, com um elevado número de quartos, instalações modernas e necessitada de um elevado número de pessoa, características que são incompatíveis com a maioria das pequenas províncias, mas sim "*... um tipo de instalação mais simples e económico, de irrepreensível limpeza, em que o excursionista, o turista, possa ficar, alimentar-se numa atmosfera de repouso, de conforto sóbrio, mas sobretudo economicamente*"²². Um aspeto inovador e relevante apresentado na tese de Francisco de Lima, é a proposta de aproveitamento de edificações já existentes para a instalação de pousadas, pois pretendia que a construção fosse o máximo possível regional.

Em Portugal, paralelamente à criação em Espanha do PNT e da rede de *Paradores Y Hosterías del Reino*, é fundada em 1929 a Direção Geral de Edifícios e Monumentos Nacionais (DGEMN), criada com o objetivo de "*reunir, num único organismo os serviços de obras dos edifícios e monumentos nacionais e dos edifícios particulares onde funcionavam serviços públicos*"²³. Esta entidade possuía competências na elaboração dos projetos em obras de reparação, restauro e conservação de monumentos e palácios em território nacional, fiscalização, e ainda formulação de conceitos técnicos e regras para os projetos de reparação, restauro e conservação. No seguimento das comemorações do Duplo Centenário da Fundação e Restauração de Portugal, em 1939, é anunciada a construção das primeiras pousadas. O plano para estas pousadas é conduzido por António Ferro, que apresentava uma fórmula

²⁰ LIMA, Francisco de. *Pousadas – Tese apresentada à IV Secção do I Congresso Nacional de Turismo*. Vila Nova de Gaia. Sociedade Nacional de Tipografia. 1936

²¹ Idem

²² Idem. p.5

²³ VENDA, Cátia. *Reabilitação e reconversão de usos: o caso das pousadas como património*. Dissertação de Mestrado em Arquitetura apresentada ao Instituto Superior Técnico. Lisboa, 2008

inovadora, aproximando-se da estratégia espanhola dos *paradoes y albergues*. A implantação destas pousadas resulta da ideia de “encurtar distâncias” a nível nacional e promover pontos de interesse turístico, facilitando a deslocação por todo o país. O conceito destas novas instalações turísticas é muito semelhante ao do “Hotel Modelo”, apoiando-se num ajuste programático entre a habitação própria e o grande hotel, ao estilo da “casa portuguesa”. Como referido no Decreto-Lei²⁴ tratava-se de “*criar em cada pousada, com a sua originalidade e as características próprias de cada região, uma atmosfera caseira e sem luxos, um ambiente calmo, familiar e português*”. As primeiras pousadas previstas nesta fase são encomendadas a dois arquitetos, ao arquiteto Miguel Jacobetty com as pousadas de Elvas, São Brás de Alportel e Santiago do Cacém; e ao arquiteto Rogério de Azevedo com as pousadas de Marão, Serém e Manteigas. Apesar das diversas diferenças entre propostas, existem características comum como a escala doméstica que traduz o caráter familiar das construções, a distribuição espacial por pisos que traduz uma simplicidade programática, e o conceito de sala de jantar panorâmica, aliando o gosto pela gastronomia local à paisagem.

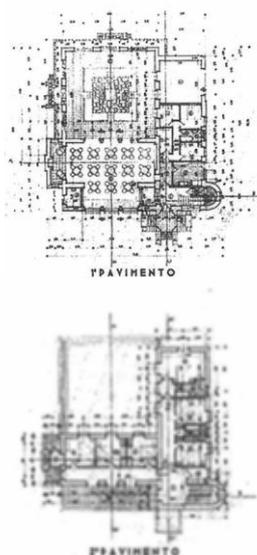


Figura 7. PLANTAS DA
POUSADA DE S.
GONÇALO, MARÃO
Fonte: Lobo, 2006, p.47

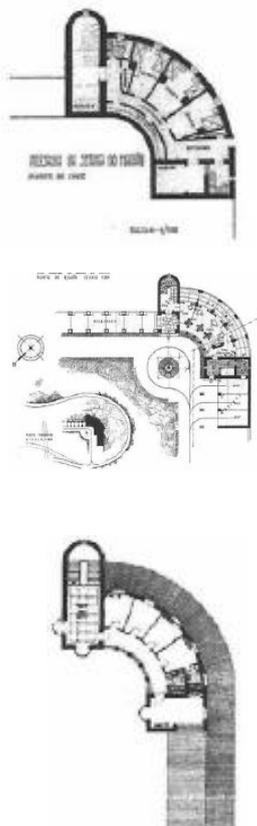


Figura 8. PLANTAS DA
POUSADA DE STA.
LUZIA, ELVAS
Fonte: Lobo, 2006, p.47

Em 1954, é iniciada uma nova fase de construções de pousadas associada a uma nova estratégia de intervenção, vão ser reformulados os programas anteriores de forma a contrariar estereótipos e explorar novas potencialidades e conceitos. Nesta fase, o objetivo das pousadas é serem espaços de permanência e não apenas de passagem, pois se as primeiras pousadas tinham sido apresentadas como pontos de passagem principais, esta fase foca-se na ideia de “*trabalhar as naturezas simétricas do terreno, promovendo espaços de permanência que sedimentassem um turismo de caráter local*”²⁵. No entanto, esta série de pousadas acaba por dar continuidade à anterior, na medida que pretendia oferecer um espírito doméstico, com a particularidade de apresentarem um programa mais complexo. Por este motivo, o número de quartos aumenta e passa a ter casa de banho privativa, e a principal diferença é a existência de uma “sala de estar”, que aproxima a vivência doméstica, e permite que a distribuição espacial se organize em torno deste espaço. Os projetos mais polémicos são a pousada da Portela da Gardunha, Vilar Formoso, S. Bartolomeu da autoria de José Carlos Loureiro e Pádua Ramos, S. Teotónio com o projeto de João Andersen, e Santa Bárbara com a intervenção de Manuel Tainha.

²⁴ Decreto-Lei nº31 259, I Série, 9 maio de 1941

²⁵ LOBO, Susana. *Pousadas de Portugal – Reflexos da Arquitetura do Século XX*. Coimbra. U. Coimbra, 2006, p.74

Paralelamente à construção das pousadas de raiz, a DGEMN tinha vindo a realizar, desde meados do século XX até aos dias de hoje, uma série de adaptações de monumentos a pousadas, e se as primeiras adaptações resultam da necessidade de dar uma nova utilidade a imóveis restaurados pela DGEMN, as mais recentes intervenções “*refletem o alargamento da noção de património e o acentuar de uma respetiva cultural e distanciada na relação com a história, estimulada pelas convecções internacionais, desde a Carta de Veneza*”²⁶.

O primeiro caso do grupo de “pousadas em monumentos históricos”, surge no Castelo de Óbidos, mais tarde convertida em Pousada de Óbidos pelo arquiteto João Filipe Vaz Martins, onde se reflete a necessidade e preocupação de fazer com que o edifício, apesar do seu restauro, não ficasse inutilizado. Surge neste sentido, a ideia de aproveitar os monumentos para instalar pousadas e atrair para o local o maior número de visitantes, nacionais e internacionais. Mais tarde, é adicionado a este grupo, a Pousada dos Loios também da autoria de João Filipe Vaz Martins, as pousadas de S. João Batista, S. Filipe, e Rainha Santa Isabel com o projeto de Rui Ângelo Couto, e a pousada de Santiago com a intervenção de Luís dos Santos Castro Lobo.

Em 1979, no intuito de dar resposta aos interesses da indústria do Turismo e à sua importância a nível nacional, é criada a ENATUR – Empresa Nacional de Turismo - vista como “*uma empresa pública, com autonomia administrativa e financeira, a fim de poder vir a ser gerida segundo os princípios que sem obter a economicidade ótima (...) num domínio em que a capacidade de manobra e permanente adaptação a situações novas se põe com maior acuidade*”²⁷. A esta nova entidade cabia a responsabilidade de reestruturar, racionalizar e explorar as unidades hoteleiras que se encontravam sob o poder do governo.

Em 1989 é publicado um novo Plano Nacional de Pousadas, que se estrutura em dois pontos fundamentais: a utilização de edifícios pré-existentes com a reconversão a pousada de forma a difundir “*uma recuperação significativa e exemplar do nosso património cultural*”²⁸ e a distribuição das pousadas deve ser por todo o território

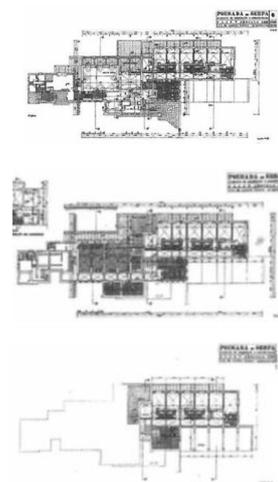


Figura 9. PLANTAS DA
POUSADA DE S.
JERÓNIMO, CARAMULO
Fonte: Lobo, 2006, p.90

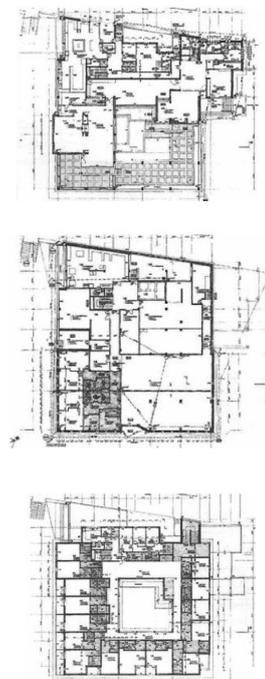


Figura 10. PLANTAS DA
POUSADA DA SENHORA
DAS NEVES, ALMEIDA
Fonte: Lobo, 2006, p.90

²⁶ *Caminhos do Património*, p.179

²⁷ Decreto-Lei nº662/76, Diário da República, I Série nº181, 4 de agosto de 1979

²⁸ LOBO, Susana. *Pousadas de Portugal – Reflexos da Arquitetura do Século XX*. Coimbra. U. Coimbra, 2006, p.125

nacional, tendo em conta "as necessidades de cada uma das Regiões de Ordenamento Turístico e das Regiões Específicas de Aproveitamento Turístico"²⁹.

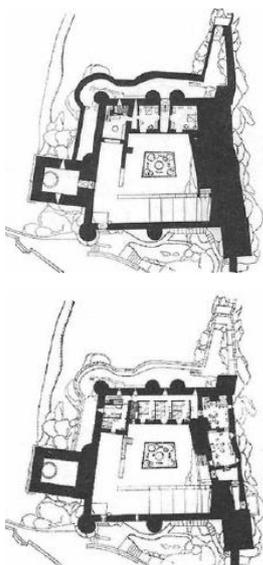


Figura 11.. PLANTAS DA
POUSADA DE ÓBIDOS,
ÓBIDOS

Fonte: *Lobo, 2006, p.90*

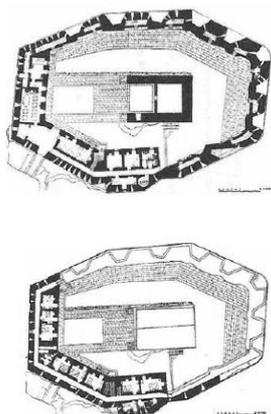


Figura 12. PLANTAS DA
POUSADA DE S.
JERÓNIMO, CARAMULO

Fonte: *Lobo, 2006, p.90*

²⁹ idem

CAPÍTULO IV. PROJETOS DE REFERÊNCIA

Os projetos de referência que se seguem partem de um estudo inicial desenvolvido no seguimento do trabalho prático, e que se relacionam com o tema desta investigação tanto pelo seu programa, como problemáticas, contexto e soluções.

Assim, neste capítulo são apresentados três projetos já existentes. Estes casos de estudo são de grande impacto histórico-artístico, inserem-se na cultura arquitetónica portuguesa contemporânea no que diz respeito ao diálogo “o rural e o contemporâneo” e à reconversão dos usos dos edifícios para pousadas, tal como no projeto arquitetónico a que me proponho.

POUSADA DE SANTA MARINHA DA COSTA

Guimarães | século IX-XVIII | Arq. Fernando Távora / Enatur 1991



Figura 13. VISTA GERAL
SUDOESTE, 1975

Fonte:

www.monumentos.gov.pt

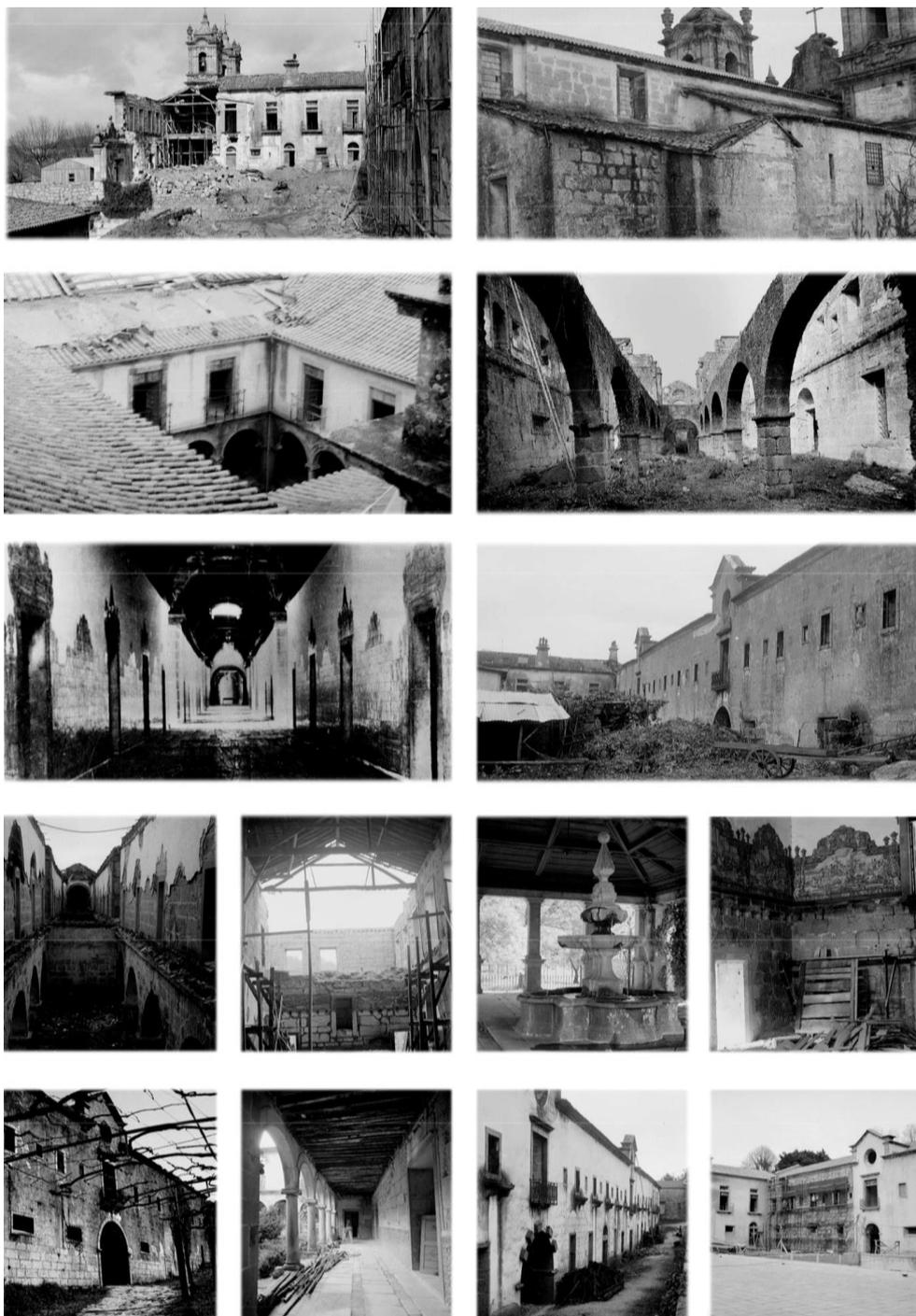
Localizada a Norte do país, no distrito de Braga, Guimarães é considerada a “cidade berço” por aqui ter nascido D. Afonso Henriques, o Fundador de Portugal, e por mais tarde ter sido selecionada para capital do Condado Portucalense.

É em Guimarães que Fernando Távora³⁰ projeta sobre o Convento de Santa Marinha da Costa, tratando-se de um dos primeiros exemplos de transformação de um

³⁰ Fernando Luís Cardoso Meneses de Tavares e Távora (1923 - 2005) arquiteto português, nasceu no Porto. Conclui o curso de Arquitetura na Escola Superior de Belas Artes do Porto em 1952, onde viria a ser professor. Mais tarde, torna-se Presidente da Comissão de Instalação da Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto (FAUP). Em 2003, obtém o título de Doutor Honoris Causa pela Universidade de Coimbra. Ao longo do seu percurso publicou vários textos sobre Arquitetura destacando-se “O Problema da Casa Portuguesa” publicado em 1947, “Da organização do espaço” publicado em 1964, que servem de base teórica à sua obra. Participa no Inquérito à Arquitetura Popular Portuguesa em 1955. Foi membro da Ordem dos Arquitetos Modernos e dos CIAM, pertenceu também à Associação dos Arquitetos Portugueses e à União Internacional dos Arquitetos. Recebeu de entre vários prémios, o Primeiro Premio de Arquitetura da Fundação Calouste Gulbenkian, Premio Turismo e Património (1985), Medalha de Ouro pela Cidade do Porto e de Guimarães. Atualmente existe o Prémio Fernando Távora,

Mosteiro muito degradado numa Pousada, dando início àquilo a que Paulo Pereira caracteriza como o início do “ciclo das Pousadas/ENATUR”. À semelhança da cidade de Guimarães, Távora tinha à sua disposição matéria distinta de trabalho, pois também o mosteiro acumula séculos de história, do qual o arquiteto vai tirar o maior partido.

Figura 14. FOTOGRAFIAS ANTERIORES À INTERVENÇÃO – 1942
Fonte:
www.monumentos.gov.pt



que promove uma bolsa, à melhor proposta de viagem de investigação, feito por qualquer arquiteto inscrito na Ordem dos Arquitetos.

Sob um primitivo templo romano, encontramos o claustro do mosteiro de Santa Marinha da Costa, que nos sécs. VI e VII terá albergado um templo suevo-visigótico, sendo que em 899 o templo foi reconstruído e consagrada a Igreja de Santa Marinha da Costa. Aproximadamente em meados do séc. X, instalavam-se naquele mosteiro a sede do Condado Portucalense, em que à frente da família se encontrava a condessa Mumadona Dias e o seu marido Hermenegildo Gonçalves, e onde se aponta como o planalto da edificação com a construção de um grandioso edifício e a reedificação da Igreja. É desconhecida a data concreta em que este conjunto passou a mosteiro, sabe-se, no entanto, que no século XII o mosteiro foi entregue aos Cónegos Regrantes de Santo Agostinho que iniciaram uma nova reconstrução com a deslocação da capela-mor para nascente, ganhando mais espaço na nave.

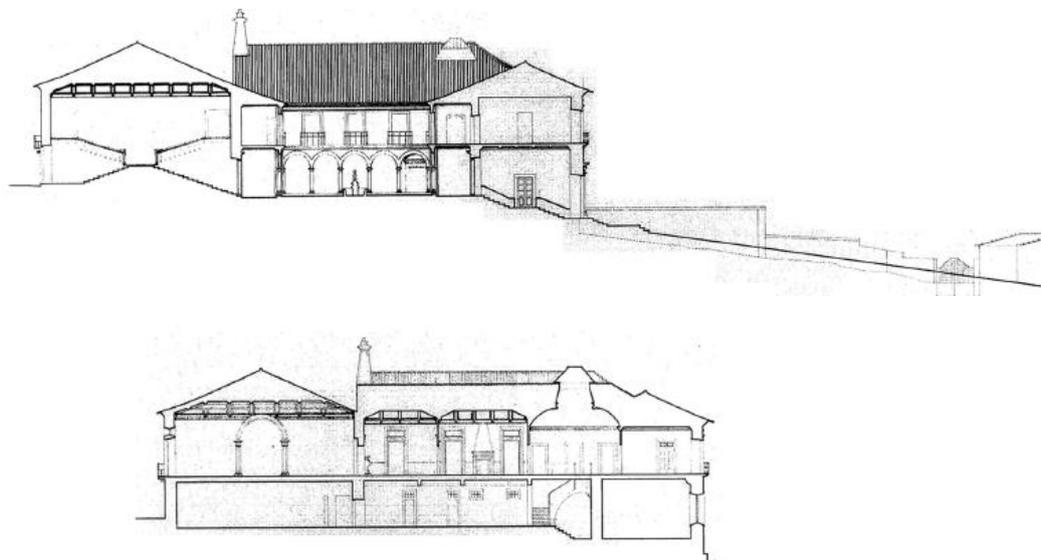


Figura 15. CORTE TRANSVERSAL- 1975

Fonte:

www.monumentos.gov.pt

Figura 16. CORTE TRANSVERSAL- 1975

Fonte:

www.monumentos.gov.pt

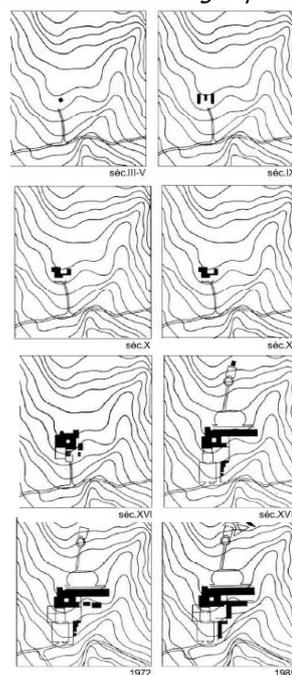


Figura 17. EVOLUÇÃO CONSTRUCTIVA

Fonte:

www.monumentos.gov.pt

O mosteiro só voltou a sofrer novas obras no séc. XVI, quando D. João III (1502-1557) decide entregar o imóvel à Ordem de São Jerónimo, devido à vontade do Rei para que o seu filho D. Duarte (1523-1543) ali estudasse, em 1567 transformou o mosteiro num colégio, de modo a albergar esta nova função. Nos finais do séc. XVI dá-se um grande incêndio que desmorona o claustro românico e outras áreas do conjunto, que levam todo o séc. XVII a serem reconstruídas. Nestas reconstruções são feitas ampliações à capela-mor e a construção da grande ala a este, que contém os dormitórios e que é rematada pela conhecida "Varanda de São Jerónimo". A 31 de maio de 1834 os frades são intimados a saírem do mosteiro, o edifício passa para a Fazenda Nacional que o coloca à venda em hasta pública sendo comprada por privados, ficando em sua posse até 1932. Nesta data o Mosteiro, fica a cargo da

Companhia de Jesus que instala a escola de estudos filosóficos e mais tarde o Noviciado. A 7 de julho de 1951 deflagra-se outro incêndio, desta vez destruindo a ala Sul do mosteiro, onde se encontravam os dormitórios.

Apesar do seu estado de degradação e abandono, o edifício ainda possuía uma proprietária, D. Antónia de Araújo Fernandes Leite Castro, que decide pôr o imóvel à venda em 1971. Em abril de 1972 dá-se a escritura da venda do Mosteiro de Santa Marinha da Costa ao estado, entregando o projeto de arquitetura de adaptação do mosteiro a Pousada ao arquiteto Fernando Távora. Távora depara-se com diferentes situações nas quais tinha que trabalhar, pois apesar de o claustro, a entrada, a escadaria principal, a sala do capítulo e a varanda de Frei Jerónimo ainda se encontrarem intactos, a ala das antigas celas encontrava-se devastada devido ao incêndio. O projeto que tem início em 1975 e termina em 1988, desenvolveu-se perante um profundo processo de recuperação das pré-existências, através de escavações e rigorosos estudos arqueológicos, pois "*Tais critérios de intervenção, e segundo os mesmos princípios, devem ser informados pela história da arte e pela história da arquitetura (ou pela arqueologia), exercendo, por este meio, uma contínua crítica dos gostos, para se perceber através deles a acumulação particular das épocas e do tempo (curto ou longo) em cada edifício. Assim se podem integrar as diversas dinâmicas, rápidas e lentas, metaforicamente geológicas e históricas (ou conjunturais) de cada imóvel, num entendimento do tempo e da sua sedimentação.*"³¹

Nesta obra o arquiteto tenta modificar o menos possível a pré-existência, reintegrar o mosteiro no novo conjunto, e ainda recuperar a expressão artística do monumento, destacando-se para a perceção arquitetónica o edificado, a cerca circundante e a própria imagem. A intervenção desenvolveu-se em duas fases: a recuperação do antigo volume e a nova construção. A reabilitação da pré-existência para adaptação a pousada centrou-se em dois focos: o núcleo envolvente ao claustro e a grande ala dos dormitórios que tinha ardido. Nesta última o arquiteto adotou soluções formais contemporâneas que remetiam para a antiga espacialidade e estrutura, através da simplificação construtiva dos valores plásticos e expressivos, como paredes brancas, abóbodas, cantarias em remates, entre outras.

O novo volume é desenhado na ala poente do claustro, que se desenvolve perpendicularmente à igreja e "*atendendo ao programa, acrescentou duas alas de*

³¹ PEREIRA, Paulo. *Património Edificado. Pedras angulares*. Lisboa, Aura. 2000, p.36

quartos, mediante o desenho de um edifício de linguagem moderna, com planta em "L" (...) e oferecendo a cada quarto uma vista panorâmica através de grandes janelões (...) protegidos por encaixilhamento moderno em cor sangue de boi, cor utilizada para os caixilhos da parte antiga do mosteiro e em voga na arquitetura monástica minhota do século XVII-XVIII. Adotou um sistema com uma métrica precisa, evocando, (...) as górgias características de cidades minhotas (...) A configuração elançada, baixa, quase de expressão monovolumétrica, implantada a meia encosta a uma cota inferior à da base do edifício principal do Mosteiro e Igreja, apresenta uma linguagem moderna que interpreta a paisagem e, simultaneamente, obedece à dinâmica a que um monumento deste tipo conduziria (como, de facto, conduziu), caso a sua vida se tivesse prolongado, o que acabou por acontecer através da sua conversão em pousada. A parte de "obra nova" adquire o mesmo valor simbólico que a "obra antiga".³²

Ao projetar o edifício a principal dificuldade sentida pelo arquiteto foi a ligação física à pré-existência, que acabou por ser ultrapassada com o desenho de um volume opaco aberto a sul e a poente por envidraçados, contrastando com a solução Barroca de grandes cheios e vazios. Relativamente ao conteúdo programático, este distribuiu-se principalmente pelas alas do antigo mosteiro, desenvolvendo-se a partir do claustro que se assume como o coração da obra. O acesso à pousada faz-se pelo corpo principal, através das suas nobres escadarias. A receção e os serviços administrativos situam-se a poente do piso térreo, a sala de estar que dá acesso ao claustro situa-se a Sul, já na grande ala Nascente temos as salas polivalentes, salas de jantar e bar.

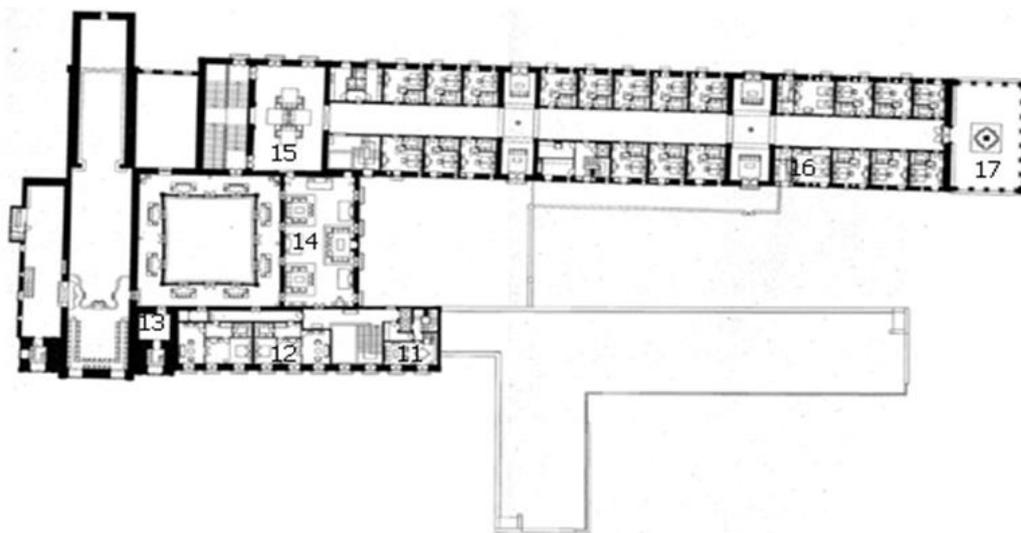


Figura 18. PLANTA
PISO TÉRREO
Fonte:
www.monumentos.
gov.pt

³² PEREIRA, Paulo, "As Formas" in *Minho. Traços de Identidade*, Univ. do Minho, 2005, Braga

Figura 20. PLANTA PISO 1
 Fonte:
 www.monumentos.gov.pt

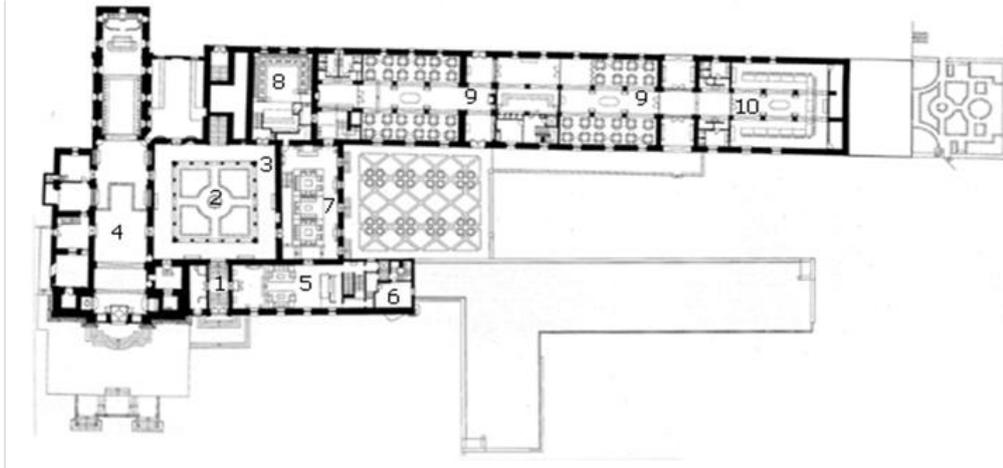
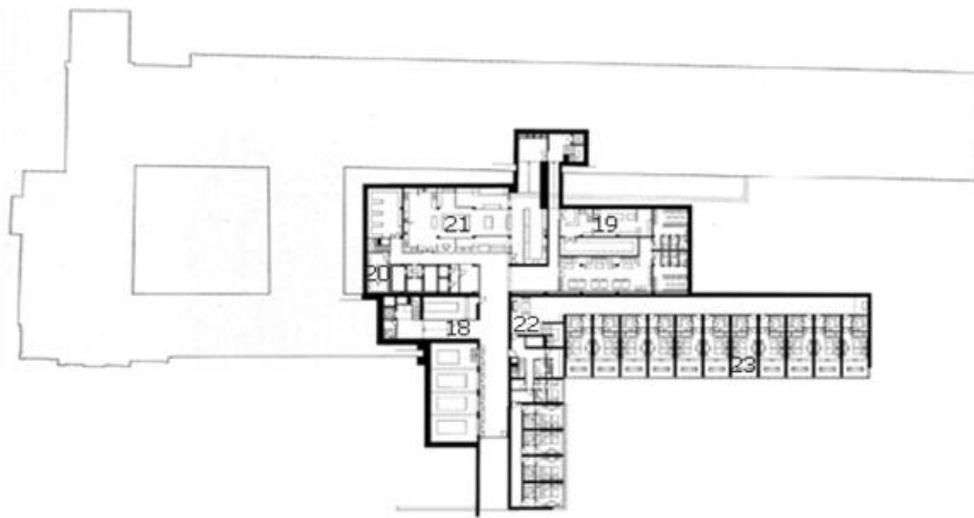


Figura 19. PLANTA PISO -1
 Fonte:
 www.monumentos.gov.pt



DISTRIBUIÇÃO do
 PROGRAMA:

- 1 – Entrada Principal
- 2- Claustro
- 3- Galerias do Claustro
- 4- Igreja
- 5- Receção
- 6- Secretaria
- 7- Sala de Bar
- 8- Bar
- 9- Sala de Jantar
- 10- Sala Polivalente
- 11- Sala de Estar
- 12- Suites-Hóspedes
- 13-Capela
- 14- Sala de Leitura
- 15- Sala de Estar
- 16- Quarto de Hóspedes (Mosteiro)
- 17- Varanda de São Jerónimo
- 18- Acesso de Serviços

No piso superior são instaladas uma sala de estar comum, e no espaço dos antigos dormitórios os quartos de hóspedes; no terceiro piso, encontramos igualmente quartos. As ligações verticais para os hóspedes são feitas por duas escadas interiores, que ligam os dois volumes; já as ligações de serviço são feitas por duas colunas verticais e independentes que ligam igualmente todos os pisos.

O restante programa é distribuído pelo novo volume, onde podemos encontrar dois pisos com mais de trinta quartos e as áreas técnicas, como zonas de serviços, cozinha, lavandaria, refeitório, instalações sanitárias e balneárias para os funcionários.

É, na minha opinião, um dos exemplos mais felizes de adaptação com obra nova associada e, em certo sentido, mantém-se como exemplo máximo deste tipo de intervenção. Távora consegue resolver o contraponto entre o novo e o antigo, ao mesmo tempo que atenua os contrastes entre o moderno e o tradicional.

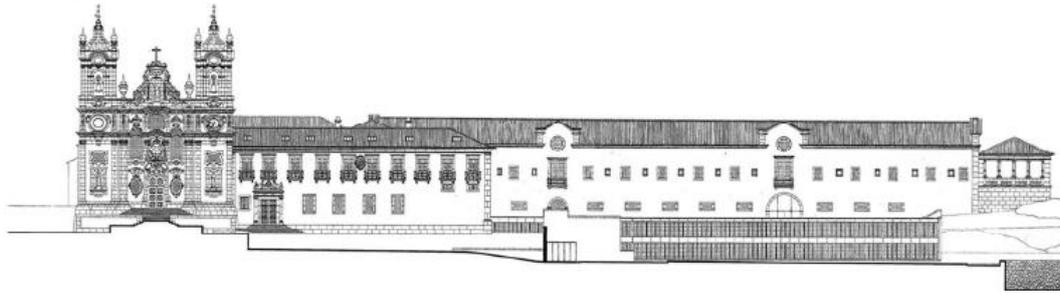


Figura 21. ALÇADO SUL
 Fonte:
www.monumentos.gov.pt

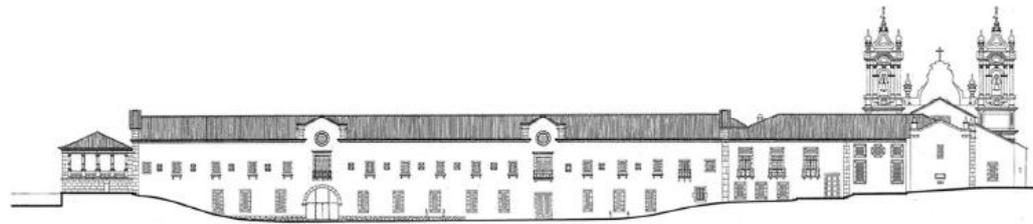


Figura 22.. ALÇADO NORTE
 Fonte:
www.monumentos.gov.pt

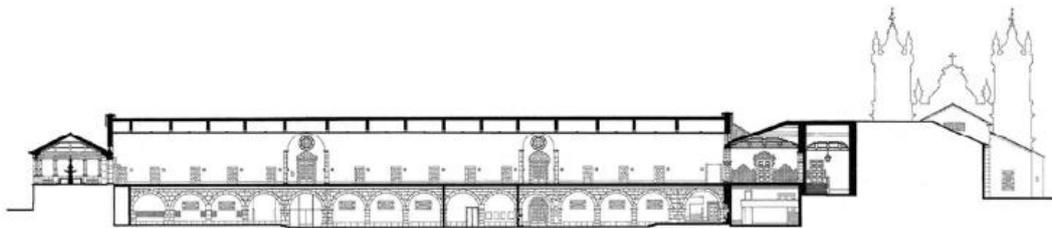


Figura 23. ALÇADO NASCENTE
 Fonte:
www.monumentos.gov.pt

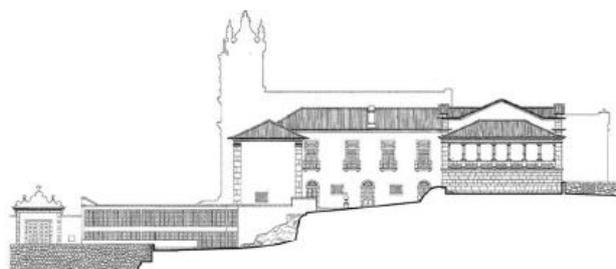


Figura 24. CORTE LONGITUDINAL
 Fonte:
www.monumentos.gov.pt



Figura 25. CORTE TRANSVERSAL
 Fonte:
www.monumentos.gov.pt

Figura 26. FOTOGRAFIAS
POSTERIORES À
INTERVENÇÃO – 2018
Fonte: *autora*



POUSADA FLOR DA ROSA

Crato, Portugal | século XIII -XVI | Arquiteto Carrilho da Graça/ Enatur 1994



Figura 27. VISTA GERAL SUDOESTE, ATUAL
Fonte:
www.monumentos.gov.pt

Situado em pleno Alentejo, concelho do Crato, na pequena Vila Flor da Rosa encontramos o antigo convento da Flor da Rosa. O local da sua implantação tem características peculiares pois, apesar de ser urbanizado, o Convento é envolvido por terrenos agrícolas, sendo a Sul o único lugar onde se estabelece a entrada e a ligação com a população.

A sua construção remete-nos para a segunda metade do séc. XIV, tem sido iniciada em 1351 e terminada 20 anos depois. Frei Álvaro Gonçalves Pereira, Prior da Ordem do Hospital, manda construir o mosteiro, com intenção de fixar ali a sua residência. Sendo uma ordem militar iam desempenhar funções de defesa do território, à medida que este se vai expandido para Sul, logo a localização do Convento é muito importante, e esta estava localizada em território de alto risco por estar perto da fronteira com Espanha, o que acaba por fazer com que o edifício construído se aproxime mais de uma fortaleza, do que um mosteiro.

Apesar da construção da obra em 1351 incluir praticamente todo o edifício: a igreja, as torres do paço e as dependências conventuais, ao longo do tempo são elaboradas obras de melhoramento. Durante o século XVI, fazem-se grandes alterações no mosteiro como a conclusão do claustro e alterações a portas e janelas, substituindo as antigas e abrindo mesmo vãos onde não existiam. As intervenções decorridas

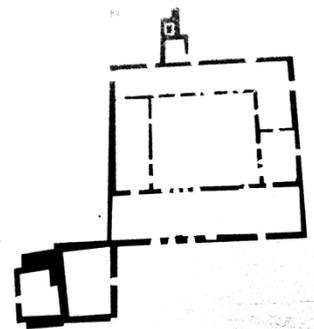


Figura 28. RECONSTITUIÇÃO EM PLANTA DO EDIFÍCIO – SEGUNDA METADE DO SÉC. XIV
Fonte:
www.monumentos.gov.pt

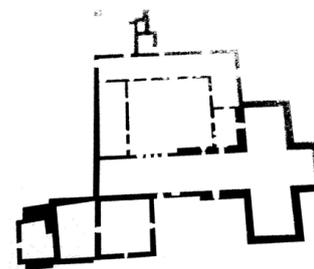


Figura 29. RECONSTITUIÇÃO EM PLANTA DO EDIFÍCIO – FINAL DO SÉC. XIV
Fonte:
www.monumentos.gov.pt

durante séculos acabam por introduzir uma mistura de estilos no mosteiro, onde podemos encontrar apontamentos Mudéjares, Manuelinos e Renascentistas. Com a perda da independência para o reino de Espanha (1580-1640), o mosteiro começa a entrar em declínio e degradação, sendo que em 1615 já se tornava impossível ser habitado, ficando assim ao abandono, dando-se mais tarde uma derrocada na cabeceira da igreja.

Figura 30. ALÇADO PRINCIPAL, 1940

Fonte:
www.monumentos.gov.pt

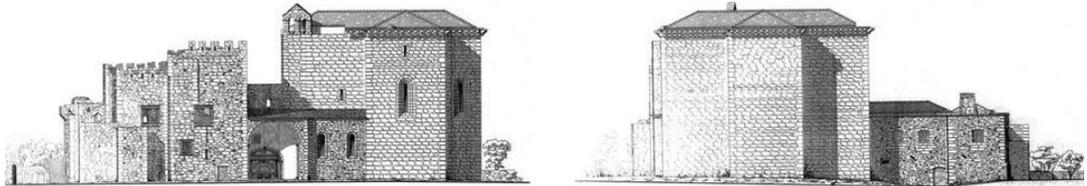


Figura 31. ALÇADO LATERAL DIREITO, 1940

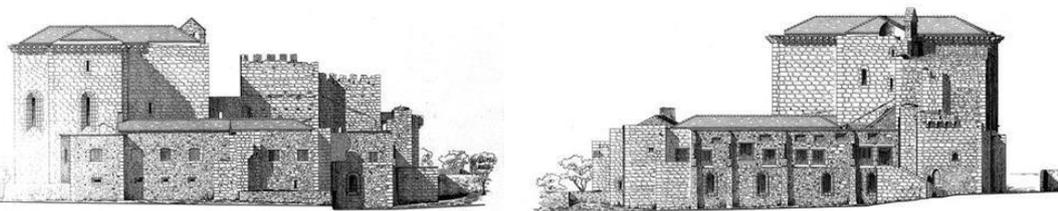
Fonte:
www.monumentos.gov.pt

Figura 32. ALÇADO POSTERIOR, 1940

Fonte:
www.monumentos.gov.pt

Figura 33. ALÇADO LATERAL ESQUERDO, 1940

Fonte:
www.monumentos.gov.pt



, apesar do seu elevado estado de degradação, em 1910, o mosteiro Flor da Rosa, é decretado Monumento Nacional, e por volta de 1940 são iniciadas obras de restauro, a mando da Direção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais. De forma a não deixar o mosteiro cair no esquecimento e abandono, em 1990 iniciam-se as obras de adaptação a pousada, segundo o projeto do arquiteto João Luís Carrilho da Graça³³.

Figura 34. FOTOGRAFIAS ANTERIORES À INTERVENÇÃO – 1942

fonte:
www.monumentos.gov.pt



³³ João Luís Carrilho da Graça (1952) arquiteto português, nasceu em Portalegre. Licenciado pela Escola Superior de Belas Artes de Lisboa, em 1977. Foi Professor na Faculdade de Arquitetura da Universidade Técnica de Lisboa, entre 1997 e 1992, e professor convidado na Escuela de Arquitectura da Universidade de Navarra, entre 2008 e 2010. Atualmente é professor convidado no Departamento de Arquitetura da Universidade Autónoma de Lisboa e no Departamento de Arquitetura da Universidade de Évora. Foi convidado a expor o seu trabalho em seminários e conferencias, em várias cidades como: Barcelona, Sevilha, Milão, Roma, Verona, Turim, Viena, entre outros. De entre os vários prémios que recebeu destacam-se: os Prémios Secil 1994, Valmor (1998 e 2008), FAD (1999), Prémio Pessoa (2008) e Piranesi Prix de Rome (2010)



Seguindo a mesma linha de raciocínio da intervenção de Fernando Távora em Guimarães, *"O partido tomado pelo arquiteto – refere Paulo Pereira e Jorge Rodrigues - baseava-se, de resto, nos princípios da Carta de Veneza e na distinção entre o "novo" e o "velho". Partiu de uma estratégia já utilizada, por exemplo, por Fernando Távora num projeto inicial e pioneiro, o da Pousada de Santa Marinha da Costa, em Guimarães. A ideia foi a de interpretar o edifício como uma sucessiva estratificação das épocas, com construções correspondentes a cada uma dessas épocas em termos de programa, de linguagem, de expressão e de utilização. Isto é, tratava-se agora de dar um novo destino à Flor da Rosa, que para além de casa-forte, igreja, mosteiro e colégio, para além das épocas que ali se somaram em termos de intervenção – os séculos XIV, XV, e XVI, passaria agora a contar com a valência hoteleira e com uma intervenção do século XX. Naturalmente o século XX, com linguagem do século XX. Assim, aconteceu, de facto"*³⁴. Deste modo, a abordagem entre o "novo" e o "velho" surge com um contraste evidente e expressivo, na medida em que a característica mais marcante do mosteiro é a sua verticalidade, Carrilho da Graça propõem um novo volume com uma evidente horizontalidade, e se a expressão do Mosteiro se destaca pelas suas cores e texturas, a nova construção assume-se com grandes planos brancos, construídos de betão armado. Na ligação destas duas abordagens, o autor cria uma pequena pala que se estende do volume construído até ao antigo mosteiro, de modo a transmitir a perceção de que os volumes nunca se intersetam.

O conteúdo programático distribui-se de igual forma pelos dois volumes: na zona nobre temos maioritariamente as zonas sociais e de estar, enquanto no novo

³⁴ PEREIRA, Paulo, RODRIGUES, Jorge. *O Mosteiro de Flor da Rosa*. Lisboa, IPPAR, col. Monografias, 2009, p. 132.)

corpo temos os quartos e as zonas de serviço; na ligação entre estes dois volumes, encontramos a receção. O acesso principal à receção da pousada é feito através da travessia da igreja e do claustro, num percurso de clara contemplação de um mosteiro repleto de história e memórias. Existem algumas exceções, pois alguns quartos foram introduzidos nas antigas celas do mosteiro, atribuindo ambiente especial.

Figura 35. PLANTA INFERIOR
Fonte: ENATUR, 2001

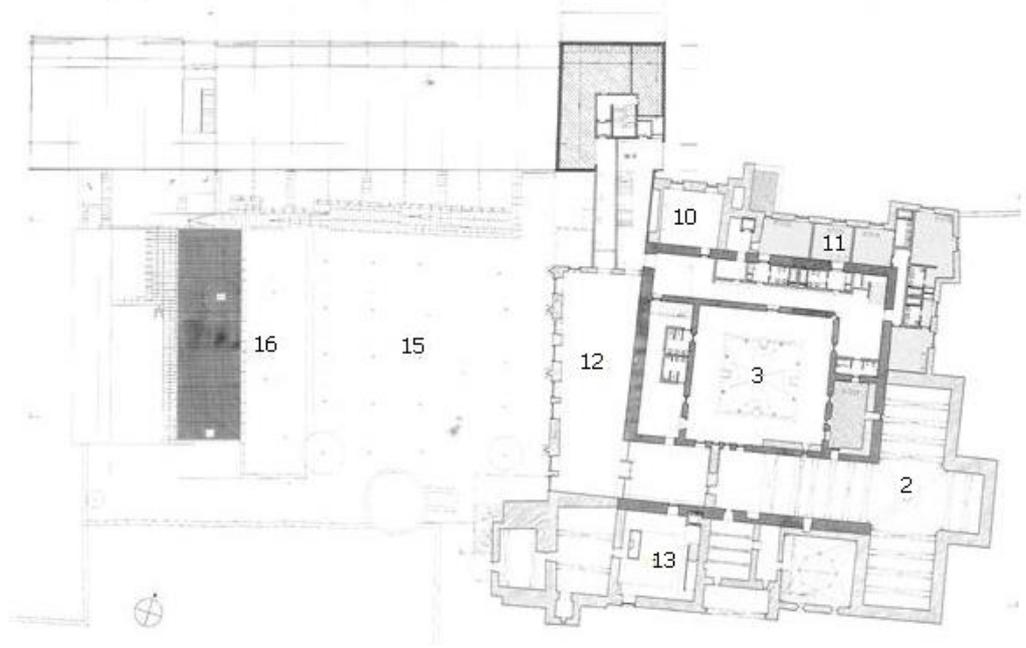
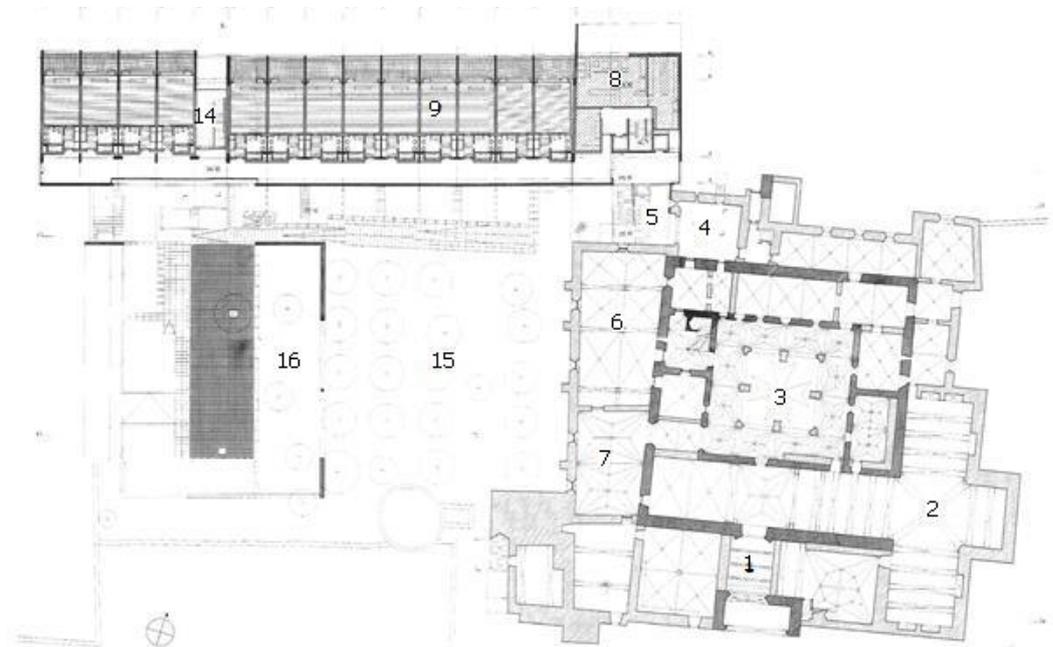


Figura 36. PLANTA SUPERIOR
Fonte: ENATUR, 2001



DISTRIBUIÇÃO do PROGRAMA:

- 1 – Entrada Principal
- 2- Igreja
- 3- Claustro
- 4- Receção
- 5- Acessos Verticais
- 6- Bar
- 7- Sala de Reuniões
- 8- Cozinha
- 9- Quarto de Hóspedes (Novo Corpo)
- 10- Sala de Estar
- 11- Quarto de Hóspedes (Mosteiro)
- 12- Sala de Jantar
- 13- Sala da Lareira
- 14- Acesso ao Exterior
- 15- Jardim
- 16- Área da Piscina

Figura 37. ALÇADO NORTE
Fonte: ENATUR, 2001, p.34

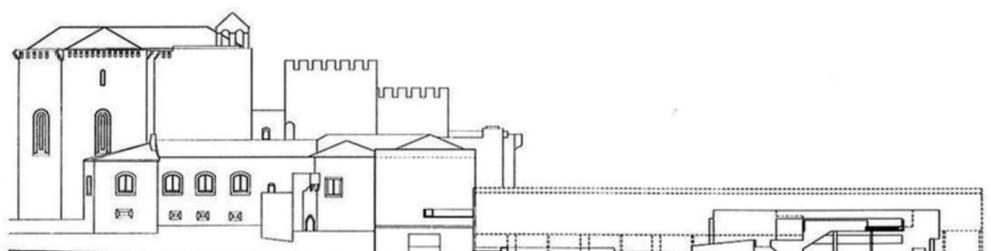




Figura 38. ALÇADO NASCENTE
Fonte: ENATUR, 2001, p.34

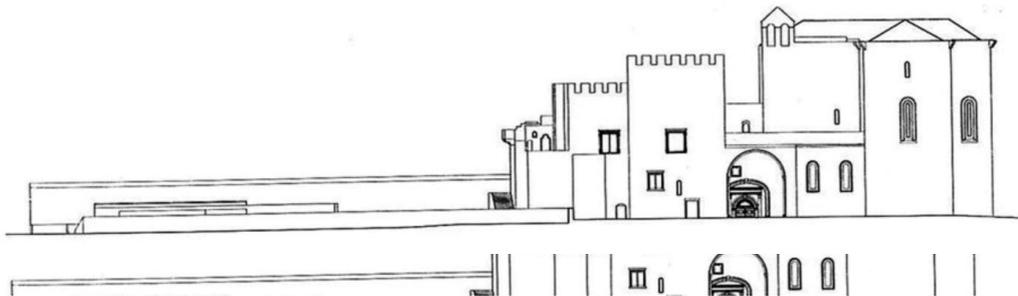


Figura 39. ALÇADO SUL
Fonte: ENATUR, 2001, p.34

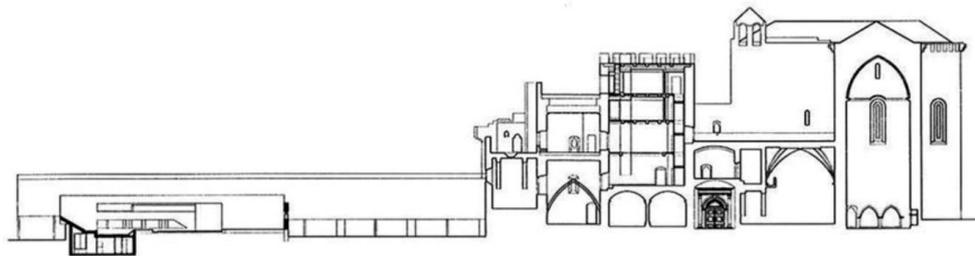


Figura 40. CORTE TRANSVERSAL
Fonte: ENATUR, 2001, p.34

“São poucos os quartos que se instalaram na zona antiga, reabilitando, aliás, os pisos nobres das torres. Um deles, que pode ser considerado a “suite” da pousada, encontra-se precisamente no andar nobre da torre média, no espaço que a tradição diz ser o “Quarto de D. Nuno” por se acreditar que foi ali que o Condestável nasceu. (...) Este quarto possui amplo pé direito e a cobertura é feita de caixotões de madeira no jogo geométrico de assimetrias extremamente inventivo e não sem evocar traços de construtivistas. Este tipo de cobertura é utilizado em algumas áreas antes “ocas” de modo a condicioná-las e a domesticá-las.”³⁵

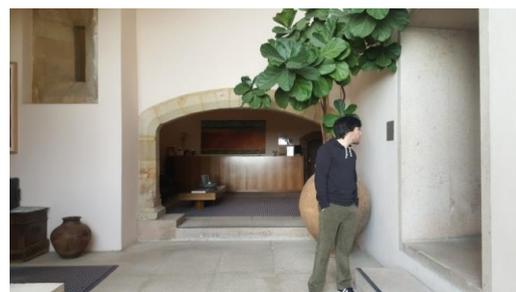
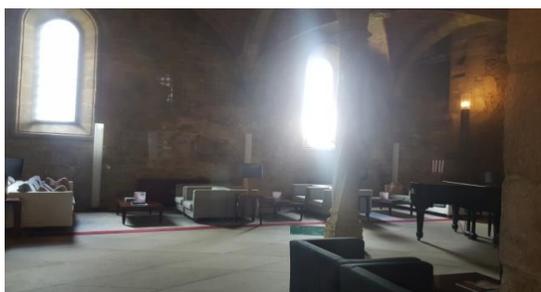
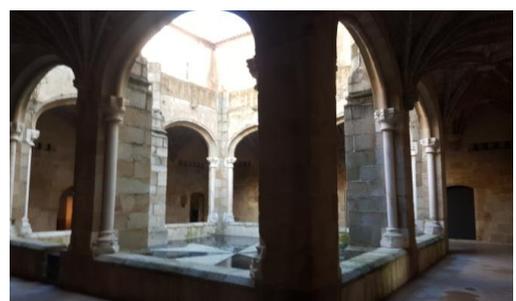
No espaço da receção o arquiteto pretendeu mostrar um ambiente diferente, onde é possível observar o novo volume, através de um grande envidraçado. Na receção encontramos todos os tipos de acessos verticais que fazem ligação com

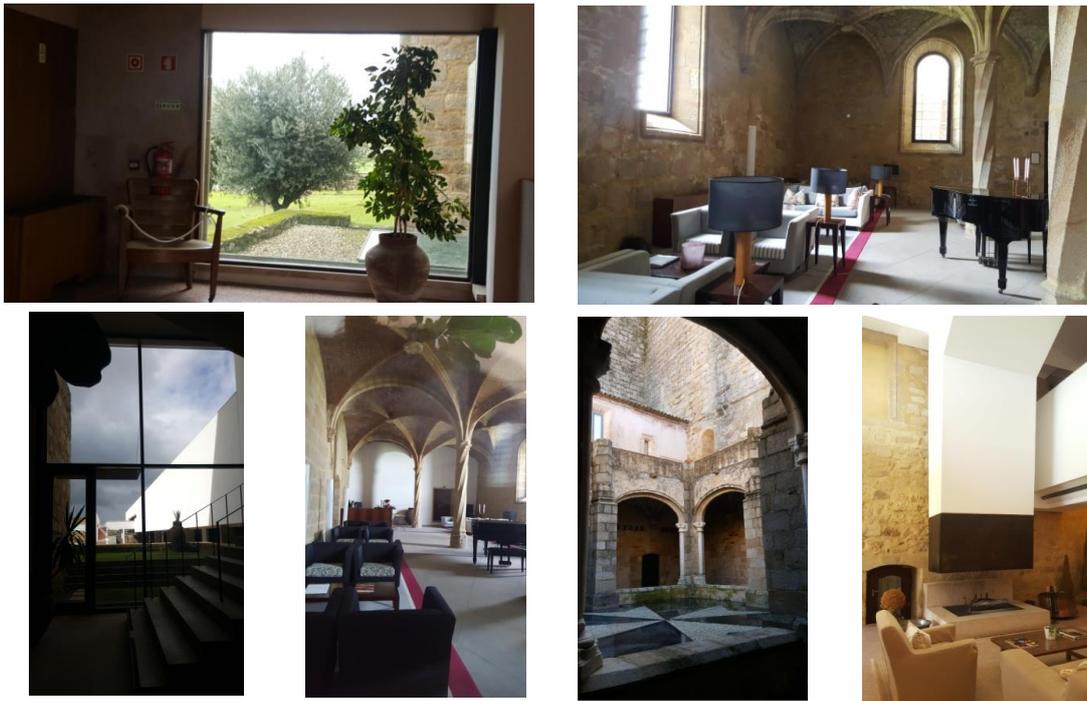
³⁵ idem, p.133-134

os restantes espaços da pousada, e podemos aceder diretamente ao bar que se encontra na antiga Sala do Capítulo, criando um ambiente histórico que se reflete, presente nas colunas torcidas que suportam o teto em abóboda ou nas grandes janelas de arco em ogiva. No segundo piso do mosteiro, ao qual temos acesso através da receção, encontramos o restaurante, zona de estar, salas de jogos e quartos temáticos em torno do claustro. Já no novo corpo, encontramos no piso térreo a área da cozinha, com uma zona de acesso direto ao exterior, para efetuar cargas e descargas, e no piso superior, que se tem acesso através da receção, os quartos.

Ora, assumimos que uma das grandes influências deste trabalho teve por base esta intervenção do Arquiteto Carrilho da Graça. A reflexão sobre esta obra é pertinente na medida em que a articulação entre o mosteiro e a nova construção dá vivências diferentes ao utilizador, quer ele esteja no interior ou no exterior. Estas premissas de intervenção são semelhantes às que eu pretendo para o projeto do palacete na aldeia de Santiago do Lobão.

Figura 41. FOTOGRAFIAS
POSTERIORES À
INTERVENÇÃO – 2018
Fonte: autora





POUSADA DO CONVENTO DE N.ª SR.ª DA ASSUNÇÃO
 Arraiolos, Portugal | século XIII | João Paulo dos Santos, 1993-1996



Figura 42. VISTA GERAL
 SUDOESTE, ATUAL
 Fonte:
www.monumentos.gov.pt

Remetendo-nos, agora, para o interior Sul do país, onde encontramos o Convento de Loios, Vila de Arraiolos, distrito de Évora, ou como também é conhecido, o Convento de N.ª Sr.ª da Assunção. Situado num lugar privilegiado, localiza-se no vale dos limites urbanos da vila, esta inserida num concelho bastante rico relativamente ao património natural.

O antigo Convento de Nossa Senhora da Assunção de Arraiolos insere-se em terrenos onde outrora existira a herdade da Quinta do Paço, propriedade de D. Álvaro Pires de Castro (1310-1384), irmão de Inês de Castro. No início do séc. XVI a propriedade pertencia a João Garcês de Aragão e à sua mulher, que por não possuírem

descendência, em 1526 doaram as suas terras e imóveis à Ordem de Santo Elói, para que nela se construísse o mosteiro dedicado a Nossa Senhora da Assunção. Em 1527, a vontade do casal foi concretizada com o início da construção do edifício. O mosteiro permanece em funcionamento até 1834, quando se dá a extinção das ordens religiosas, sendo vendido em hasta pública e comprado por proprietários privados. Em 1980 é adquirido pelo Estado, que em 1996 o transformou em pousada.

Figura 43. FOTOGRAFIAS ANTERIORES À INTERVENÇÃO – 1996
Fonte: www.monumentos.gov.pt



A adaptação do conjunto arquitetónico, constituído pela igreja e pelo edifício conventual, deu-se sob o projeto do arquiteto José Paulo dos Santos.³⁶

O sentido projectual adotado pelo arquiteto, no quadro do ciclo das Pousadas da ENATUR, foi a que teve menos protagonismo. Apesar de impor uma linguagem contemporânea discreta, não deixa de ser uma marca do tempo do próprio edificado. Trata-se de uma abordagem que pretende assumir o processo evolutivo que o mosteiro foi alvo ao longo dos anos, não pretendendo alterar a estrutura do mesmo, mas sim dar-lhe uma continuidade com a adição de um novo volume, que se encontra em perfeita harmonia no conjunto. Com a nova construção, o arquiteto pretende que se leia o conjunto de forma autónoma, não se destacando o que é “novo” do “velho”, mas sim complementando-se uma à outra.

Esta simbiose entre o antigo e o recente, pretendida pelo arquiteto, é clara na escolha dos materiais: utiliza o branco remetendo para a caição alentejana, destacando os planos do convento num jogo de múltiplas tonalidades ao longo do dia, ao mesmo tempo que vai buscar os materiais existentes no pavimento do mosteiro e usa-o em toda a proposta, de modo a unificá-la.

A pousada desenvolve-se em torno do claustro do final do séc. XVI, que foi fechado com vidro, eventualmente a concessão mais evidente para a refuncionalização destes espaços de passagem, verdadeira rótula de todo o edifício. A entrada principal da pousada conduz diretamente a este claustro, que permite o acesso confortável a todas as áreas comuns que se encontram no piso térreo como a receção, a antiga Sala do Capítulo que deu lugar à portaria, sala de reuniões, o antigo refeitório que deu lugar à sala de estar, bar e a entrada lateral na igreja. No segundo piso do mosteiro, ao qual se tem acesso através da circulação vertical existente na receção, encontramos, em torno do claustro, as antigas celas onde hoje são os quartos.

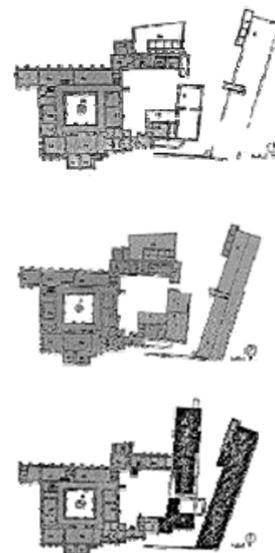


Figura 44. EVOLUÇÃO DA CONSTRUÇÃO: ATÉ AO SÉC. XVIII, ATÉ AO SÉC. XX E A NOVA FUNÇÃO DE POUSADA

Fonte:

www.monumentos.gov.pt

³⁶ José Paulo dos Santos estudou arquitetura em Canterbury e Design no Royal College of Arts, em Londres, entre 1975 e 1981. Depois de trabalhar em Londres e Nova Iorque, estabeleceu-se profissionalmente no Porto, em 1984 (Ojeda 2001). A sua obra conta com projeto de habitação e equipamentos religiosos, culturais, de saúde e educação em Portugal, na Alemanha e na Suíça, tendo igualmente experiência nas artes plásticas e decorativas e na reabilitação do património (Palace Hotel da Cúria, 1988; Palace do Buçaco, 1991). Foi premiado pela Bund Deutschen Architekten e nomeado três vezes para o Prémio Secil.

Figura 45. PLANTA
INFERIOR
Fonte: www.dgemn.pt

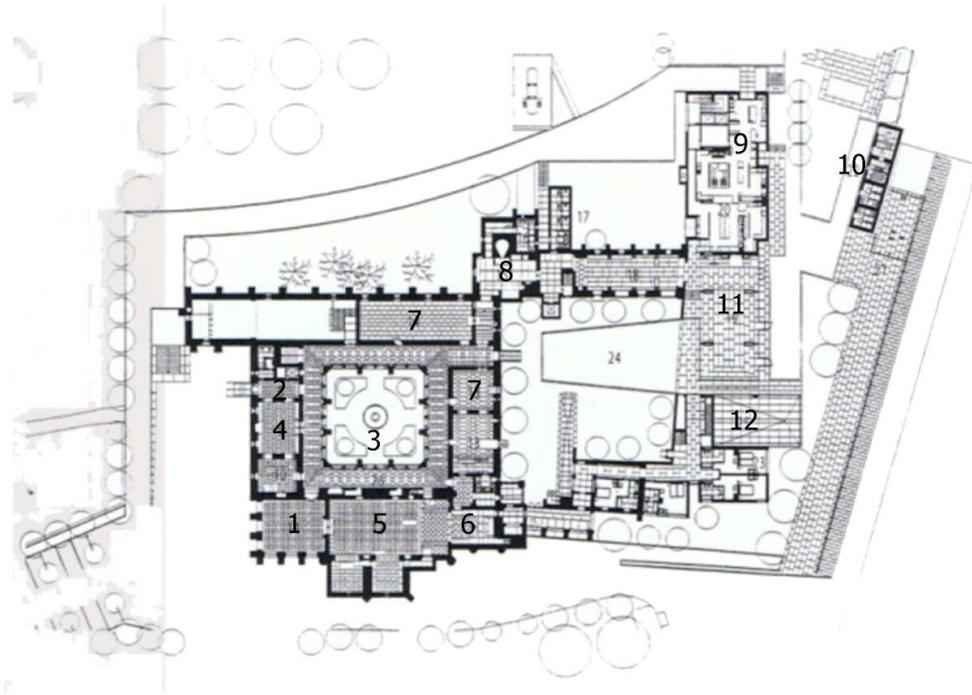
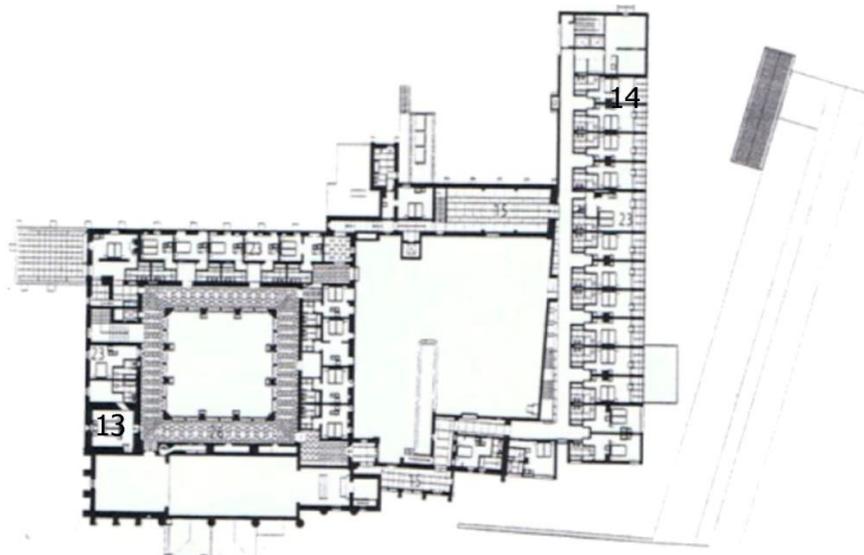


Figura 46. PLANTA
SUPERIOR
Fonte: www.dgemn.pt

DISTRIBUIÇÃO do
PROGRAMA:

- 1- Entrada Principal
- 2- Recepção
- 3- Claustro
- 4- Sala Polivalente
- 5- Igreja
- 6- Sala de Massagens
- 7- Salas Estar
- 8- Sala da Lareira
- 9- Restaurante
- 10- Bar
- 11- SPA
- 12- Ginásio
- 13- Quarto de Hóspedes (Novo Corpo)
- 14 - Quarto de Hóspedes (Mosteiro)



No novo corpo, temos um novo pátio, desta vez descoberto, que se desenvolve a Este do antigo. Aqui, encontramos a nova ala com dois pisos. Se no piso térreo temos o restaurante e todas as zonas de lazer, que dão acesso para a piscina e campos de ténis, no primeiro piso, temos as funções de carácter privado como os quartos e zonas de estar, que se encontram viradas a Este tendo a planície alentejana como pano de fundo.

Em suma, o arquiteto José Paulo dos Santos, abordou o projeto de uma forma inspiradora respeitando a pré-existência e articulando o novo e do antigo. Aqui a estrutura e a história do Convento acabam por definir os espaços, e formar um ambiente interior sem remissão. A qualidade de todo o conjunto, reenvia para as necessidades de um projeto com exigências idênticas, como o do palacete em estudo, salvaguardadas as devidas proporções.



Figura 47. CORTE
TRANSVERSAL
Fonte:
www.monumentos.gov.pt

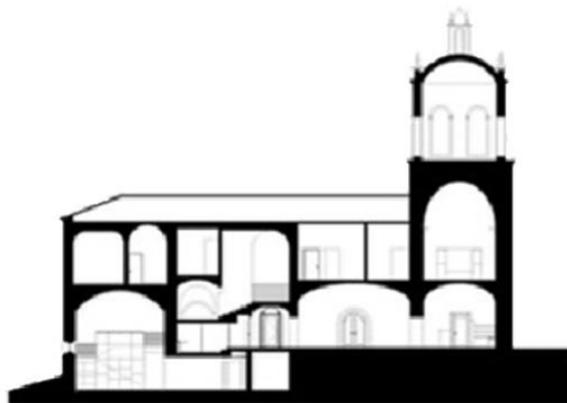


Figura 48. CORTE
LONGITUDINAL
Fonte:
www.monumentos.gov.pt



Figura 49. FOTOGRAFIAS
POSTERIORES À
INTERVENÇÃO – 2018
Fonte: autora



PARTE II | ANÁLISE DO TERRITÓRIO
CONTEXTO HISTÓRICO DA ALDEIA DE SANTIAGO DO LOBÃO, A ORIGEM
DA QUINTA, GRAUS DE CONSERVAÇÃO: PATOLOGIAS

CAPÍTULO V. CONTEXTO HISTÓRICO DA ALDEIA DE SANTIAGO DO LOBÃO

ENQUADRAMENTO TERRITORIAL

Bem no interior do concelho de Santa Maria da Feira, confinando a norte com as freguesias de Vila Maior e Sanguedo, a sul com Caldas de S. Jorge e Guisande, a poente com Fiães e a nascente com Gião, encontramos a aldeia de Santiago do Lobão. Pinho Leal no seu "Portugal Antigo e Moderno" refere: "*Lobão, freguesia do Douro, comarca e concelho da Feira, dista 285 Km, para norte de Lisboa e 24 para Sul do Porto, a cujo bispado pertence. É do distrito administrativo de Aveiro e dista da sede do concelho 7 Km.* Tem uma bela igreja matriz, com uma elegante e alta torre"³⁷. Em termos geomorfológicos, situa-se na parte oriental de um conjunto de elevações, que formam um pequeno dorso por onde corre a estrada Porto-Lisboa³⁸, constituindo uma área relativamente mais acidentada que a parte ocidental. No que respeita à geologia, Lobão, juntamente com as freguesias vizinhas de Guisande e Romariz, é atravessada por uma importante mancha de "*granito de grão médio não porfiroide*"³⁹. A hidrografia e o clima foram condições essenciais para a atividade agrícola e por consequência, para as boas condições de vida dos camponeses da aldeia. Nos limites da parte baixa da freguesia, corre o rio Uíma, que contribui para a formação de depósitos de aluvião⁴⁰, constituídos essencialmente por formações argilosas, propícias à cultura do regadio, criação de gado e arborização abundante de pinheiros, carvalhos e castanheiros. No clima, são claras as marcas de influência atlântica: temperaturas médias relativamente baixas (menos de 15%), temperatura média de verão moderada (menos de 20º C), reduzida amplitude de variação anual (menos de 12ºC), alta taxa de precipitação, geralmente superior a 1000 mm, e um mínimo de humidade relativamente alto⁴¹.

Foi neste enquadramento natural, propiciador da atividade agrícola, que decidi projetar a Pousada de Santa Maria da Feira.

Torna-se difícil saber desde quando é que esta aldeia começou a ser habitada, pois as marcas arqueológicas são muito raras ou mesmo inexistentes. Apenas através do

³⁷ LEAL, Pinho. *Portugal Antigo e Moderno*, vol. IV. Universidade de Harvard. Mattos Moreira. 1822, p. 431

³⁸ RIBEIRO, João Pedro. *Levantamento arqueológico do concelho da Vila da Feira*. Porto. Faculdade de Letras da Universidade do Porto. 1978, p. 1-2

³⁹. idem

⁴⁰ GIRÃO, A. de Amorim. *Geografia de Portugal*. Porto. Portucalense editora, 1941, p. 318

⁴¹ RIBEIRO, Orlando. *As condições climáticas, in "Geografia de Portugal"*, vol. II. Lisboa, edição Sá da Costa. 1988. p.381-384

recurso à toponímia e à etnografia podemos surgir a presença humana, desde há milénios. De facto, nos documentos medievais encontramos informações muito preciosas sobre o rio Uíma, estradas, montes, campos, etc, que a influência romana, germana e árabe não destruiu⁴².

CONTEXTO HISTÓRICO-SOCIAL

OS ROMANOS

Com a chegada dos romanos tentou-se desenvolver a agricultura fazendo os povos descer para os vales. Assim, cultivaram-se novas terras, introduziram-se novas espécies de cultura como a videira, a oliveira, produtos hortícolas, linho, árvores e fruta, painço, milho, etc. Alastraram-se os núcleos rurais, entre os quais as vilas (*villae*) de dimensões variáveis⁴³, quintas, vilares e paços. Para delimitar estes lugares, os romanos usavam marcos de pedra chamados vilares, os valos ou torrões, entre outros⁴⁴. Estas vilas eram constituídas pela casa do dono, as casas com as terras envolventes, os caseiros, as próprias aldeias, terras cultivadas e incultas.

O comércio ganhou novo dinamismo, acionando-se sobretudo a ligação na estrada militar Lisboa-Porto. Nesta zona a via romana que partia de Viseu para ligar ao grande eixo de Olissipo-Bracara, a qual passava por Lobão e donde saía um desvio em direção a Carvoeiro-Douro (Canedo)⁴⁵, deu grande importância comercial.

Em síntese, estamos perante uma área (espaço de Lobão e envolventes) profundamente romanizada, onde os grupos humanos apreenderam o conteúdo civilizador dos romanos, que vai perdurar após a queda do império⁴⁶, vindo a constituir posteriormente a base da nossa cultura.

OS GERMANOS E MUÇULMANOS

Ao longo do século V, povos do norte invadiram o império romano, tais como os Vândalos e os Suevos, apesar destes terem deixado poucas entre nós. Logo de seguida, vieram os Visigodos que nos deixaram a marca germânica nos topónimos

⁴² *Contribuição predial de 1854*. AHCMF.

⁴³ MATTOSO, José. *Paróquias*, in *Dicionário da História Religiosa de Portugal*. 1980, p. 372

⁴⁴ SAMPAIO, Alberto. *As vilas do Norte de Portugal*, p. 47-48

⁴⁵ MATTOSO, José. *O passado proto-histórico e romano*. Lisboa. 1993, p. 257

⁴⁶ SANTOS, Eugénio dos. *S. Jorge na história e no Mundo – ao encontro das origens*, in Vila da Feira, n.º 32, p. 24

como Bertal de Berhts - administrar; Togilde de Thiada- valor; Mirelo de Mirelu, ampliação de Miro, antropónimo de um rei suevo⁴⁷.

Nos princípios do século VIII (711) os muçulmanos invadiram e dominaram praticamente toda a península ibérica. Como estiveram mais tempo a sul do que a norte, foi aqui que deixaram menos vestígios.

A RECONQUISTA CRISTÃ

É no seu contexto da reconquista cristã que devemos compreender o nascimento da freguesia de Lobão. Com as invasões germânicas dos séculos V e VI e dos Muçulmanos no século VIII, na generalidade, mantiveram-se os limites das propriedades (entre elas as vilas), devido à questão de pagamento dos impostos. As "villae" designavam "uma aglomeração de cultivadores e o termo dentro do qual exploravam a terra ou até onde usavam o bosque; ou seja, aquilo a que se veio a chamar «aldeia» e ao mesmo tempo o respetivo território".⁴⁸

No entanto, durante a reconquista cristã, deu-se o fracionamento da propriedade que foi distribuída entre os presores (reconquistadores nobres ou eclesiásticos, rei e mesmo camponeses livres- colonos), sendo neste contexto que surge o 1.º documento escrito conhecido referente a Lobão (1055). Trata-se de um documento de permuta que refere: "... ego famulus dei diagu donaniz plagui mici per bone pacis et voluntas ut contramutamus ad vobis ad a dona ermento gundesindiz... nostras hereditates unas cum alias de vila sercedo et de cercedelo nostra ratione ...et de villa de Espinu nostra ratione... et si illa non potueritis devendigare intrequemus vobis in noguera et in grisandi, et mea ratione de lagona, et mea quarta de lopone... et XX solidos de ariento minus unu de alize ... et adcepimus de vos quarta de vila de iniesta..."⁴⁹. Em tradução livre: "Diogo Donaniz permuta com Dona Ermento Gondesendes as herdades que possui nas vilas de Serzedo, Serzedelo, Espinho ou, se tal não for possível [et si illa non potueritis devendigare], as de Nogueira, Guisande, Lagoa e a sua quarta de Lobão, e ainda XX soldos de prata menos um de *alize* (?), recebendo a quarta parte da vila de ienesta (Gesta, Mozelos?)".

A freguesia foi-se constituindo com a aglutinação de pequenos núcleos rurais envolventes. Segundo Mattoso, a delimitação física "... só se consumou para poder



Figura 50. EXEMPLAR DE MARCO DA ORDEM DOS TEMPLÁRIOS/CRISTO
Fonte: autora

⁴⁷ SOUSA, Arlindo de. *Respigos da toponímia Feirense*, p.13.

⁴⁸ MATTOSO, José. "Paróquias", in *Dicionário da História Religiosa de Portugal*. 1980, p. 372

⁴⁹ HERCULANO, Alexandre. *Portugaliae Monumenta Historica, Diplomata et Chartae*, Vol. I. Lisboa, 1867-1873, doc. n.º565



Figura 51. MARCOS DOS LIMITES ATUAIS DA FREGUESIA

Fonte: Planta da Câmara Municipal de Santa Maria da Feira

definir a quem se tinha de pagar o dízimo e as outras contribuições eclesiásticas".⁵⁰

A delimitação foi feita por marcos ou marras, os quais não apresentam data, têm forma retangular, sensivelmente 1 metro e vinte de altura, tendo, em baixo relevo, o símbolo da ordem dos Templários/Cristo.

ORIGEM DO TOPÓNIMO

É muito provável que o topónimo "Lobão" tenha sido dado, após a chegada dos romanos, a uma das "*villae*", entretanto criada - o espaço entre a Chã e o que é hoje Cimo de Vila, seguindo o alinhamento da estrada da Chã à Corga. Vamos analisar algumas hipóteses para a origem deste topónimo. Até à data tem sido mais ou menos consensual, que o topónimo Lobão deriva do latim, mais concretamente de povoadores pertencentes à família Lobo (*lupus*). Também Fiães, aldeia vizinha, deriva de "wulf" que significa lobo do germânico (ULFILANIS). Ou seja, ambas as formas derivam do nome de povoados pertencentes a famílias Lobo: "*Fiães e Lobão não significam terra de lobos, mas terras de pessoas chamadas "Ofila e Lopone"*"⁵¹.

Também tem sido aceite a posição de Arlindo de Sousa que associa o topónimo Lobão à fauna, derivando o nome do latim *lupanu* de *lupu* – lobo. Para este autor os "*novos povoadores da reconquista, diferentemente dos germanos, dão aos locais que escolheram para suas habitações, ou culturas topónimos inspirados daquilo que mais importante observam à sua volta. Fauna, vegetação, configuração do solo, hidrografia, geologia, agricultura, culto católico, construções civis, militares e religiosas, etc.*"⁵². De acordo com esta teoria, Lobão refere um aumentativo de lobo, animal que infestava estas terras desde tempos imemoriais⁵³.

Em síntese, as populações deste espaço "villa" terá adotado o seu "deus", entretanto latinizado "*lupus*" para a respetiva identificação topográfica. Futuramente, será sob o apoio desse topónimo que continuará a ser construída a identidade das gentes que foram ocupando o espaço que em grande parte constitui hoje a freguesia de Santiago do Lobão.

⁵⁰ MATTOSO, José. *Paróquias*, in *Dicionário da História Religiosa de Portugal*. 1980, p. 375

⁵¹ MOREIRA, Domingos A. in *Revista ULfinanis Villa*, n.º 4. CDPAC, Fiães

⁵² SOUSA, Arlindo de. *Respigos da toponímia Feirense*, p.53

⁵³ MATOSO, José; KRUS, Luís; ANDRADE, Amélia. *O Castelo e a Feira a terra de santa Maria nos séculos XI a XIII*. Editorial Estampa, Lisboa 1989, mapa 35.

CAPÍTULO VI. A ORIGEM DA QUINTA

ORIGEM: HISTÓRIA FAMILIAR E LOCAL

Construída no início do séc. XX, em 1906, por ordem de Lino Henriques Bento de Sousa, a história da origem da quinta remete-nos para 1857. Neste ano, a 19 de novembro, nasce Lino Henriques, no lugar de São Martinho do Lobão. Filho de famílias humildes, decide desde muito jovem rumar até ao Brasil em busca de um futuro melhor.

Graças à sua persistência, dedicação e esforço, nunca cruzou braços a nenhum desafio e sempre trabalhou no que foi preciso para conseguir juntar dinheiro. Mas, foi a servir uma viúva, dona de grande fortuna, que viu o seu futuro garantido, contudo esta falece e lhe deixa em herança todo os seus pertences como forma de agradecimento da sua dedicação e fidelidade. Apesar de já possuir uma pequena fortuna, o jovem decide prolongar a sua estadia pelo Brasil dedicando-se à atividade mercantil.

Com 50 anos regressa à sua cidade natal, onde decide implementar uma extraordinária obra de ação social, cultural e educativa que muito contribui para o desenvolvimento local e regional. Graças à sua capacidade financeira, decide apoiar gente anónima e carenciada, reformular a Igreja Matriz, ampliar o cemitério, construir um vasto património na aldeia, e ainda construir a Escola Conde S.Tiago do Lobão. Em ata de 16/11/1910 a Junta de freguesia de então faz referência à construção da Escola registando: "majestoso templo de instrução popular onde as criancinhas de hoje, mas homens de amanhã, irão beber a santa seiva da educação e instrução".

A 10 de março de 1906, foi-lhe concedido pelo Rei D.Carlos I o título de Visconde de S. Tiago, sendo a 22 de fevereiro de 1908, por decreto do Rei D.Manuel II, elevado a Conde de S. Tiago do Lobão. (*Nobreza de Portugal*, volume III, pág. 306/307).

A quinta situada no largo da Igreja Matriz do Lobão, um dos vastos imóveis pertencentes ao agora conde, é vendido a António Batista e sua mulher D. Maria Ferreira Batista, pertencendo ainda nos dias de hoje à mesma família.

Foi do palacete pertencente à quinta, que os bispos e os condes puderam ver as procissões, renovações e inaugurações mandadas fazer pelo conde de Santiago do Lobão, na aldeia. No jornal *Correio da Feira*⁵⁴ é possível ler uma descrição do



Figura 52. CONDE DE S.TIAGO DO LOBÃO
Fonte: *caravelaquinhentista.blogspot.pt*

⁵⁴ *Correio da Feira*, 25-04-2008, p.3

programa de um dos eventos "(...) A inauguração dos melhoramentos em Lobão, fez-se em 26 de abril de 1908, tendo-se a freguesia engalanado para o receber e honrar o conde e tendo contado com a presença do Bispo da diocese, D. António Barroso. *Os Ex.mos condes de Santiago de Lobão e o ex.mo e ver.º Bispo do porto chegarão às 8 e meia horas da manhã ao lugar do Candal, onde se lhes fará uma recepção entusiástica. Subirão ao ar algumas girândolas de foguetes. Na véspera tomarão parte alguns cabos de polícia, as escolas oficial e de S. Francisco e o povo da freguesia. Desde este local até à igreja paroquial a estrada do percurso será vistosamente engalanada. Da residência do reverendo abade organizar-se á uma procissão em que o venerando prelado fará a visita à igreja. Às dez horas terá lugar o almoço na mesma residência. Às 11 horas celebrar-se-á missa na igreja matriz, com a assistência do Ex.mº Bispo, subindo ao púlpito o reverendo Dr. Pereira Lopes do Porto. No fim da missa será administrado o crisma e por fim terá lugar a visita ao novo cemitério, que será benzido. Às 6 da tarde será realizado o jantar para o qual estão feitos numerosos convites. Haverá iluminação de acetilene, fogo do ar e preso, que terminará à meia-noite. Tocarão as músicas da oficina de S. José do Porto, a do Barreiro de Lourosa e a de Lobão".* A festa prolongou-se noite dentro e para poder apreciar a alegria do povo, reservou-se ao bispo um lugar na prestigiada casa de Maria Ferreira Batista, da Igreja. E assim "... lá o vimos na sacada do prédio fronteiro ao largo da Igreja, hoje propriedade de D. Maria Ferreira Batista, não escondendo a sua alegria e satisfação pelo povo em alegre festa até altas horas da noite..."⁵⁵

⁵⁵ PINHO, António Alves de .*Correio da Feira, 3-10-1953*, p. 3

METABOLISMO DO CONJUNTO EDIFICADO

Com tudo o que foi referido atrás, através da história da aldeia e da origem da quinta, torna-se importante conhecer a morfologia espacial do palacete.

Implantada de modo imponente sobre a paisagem, é um edifício que se impõe sobretudo pela sua fachada principal decorada por azulejos do século IX, fronteiriça ao largo central da aldeia onde encontramos a Igreja Matriz.

De proporções equilibradas, predominantemente horizontal, assenta na estrutura de uma arquitetura classicista, tornando-se clara a procura de um equilíbrio e de simetria na fachada principal, decorada por cunhais de pedra e marcada a eixo pela entrada nobre, que serve até ao piso nobre por uma escadaria em U, também ela simétrica.

Em contraste com o piso térreo, com 4 vãos, o andar nobre é representado por 9 vãos, 3 deles de sacada, com cantarias mais ricas, seguindo o alinhamento das de baixo e afastadas proporcionalmente entre elas. Nos restantes alçados os dimensionamentos dos vãos alternam-se conforme a importância dos espaços que servem. No alçado posterior foi feito um acrescento, que visivelmente destoia da leitura clara que se pretendia outrora.

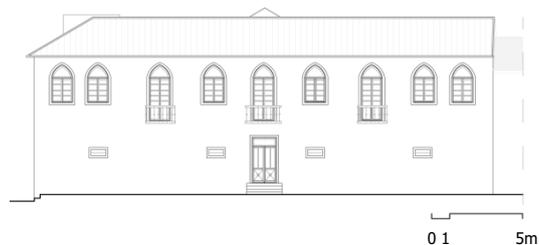


Figura 53. VISTA DA FACHADA PRINCIPAL ATRAVÉS DA RUA DE SANTIAGO
Fonte: autora

Figura 54. ALÇADO PRINCIPAL
Fonte: autora

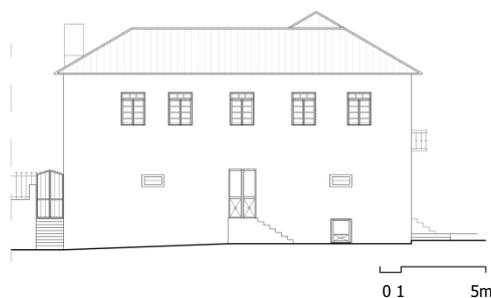


Figura 55. VISTA DO TERRENO PARA A FACHADA LATERAL
Fonte: autora

Figura 56. ALÇADO LATERAL
Fonte: autora

Figura 58. VISTA TARDOZ
VISTO DO EIRADO
Fonte: autora



Figura 57. ALÇADO
TARDOZ
Fonte: autora

O palacete é dividido a nível de pisos por funções, numa distinção entre o piso térreo e o piso nobre. No piso térreo, o *hall* e as escadarias marcam o centro; a distribuição é feita por câmaras e ante-câmaras destinadas ao armazenamento de produtos agrícolas e de gado. Devido ao uso que estes espaços teriam, estábulos e adega, não houve preocupação nos acabamentos dos revestimentos dos tetos, paredes e pavimento, ficando à vista as cantarias e a estrutura em madeira.

No piso nobre, existe uma notória divisão do programa em dois planos longitudinais. Do lado do alçado principal a planta é mais compartimentada e as paredes e tetos apresentam mais ornamentação, como acabamentos em gesso. Este requinte é evidenciado na fachada com as janelas de sacada e respetivas varandas ornamentadas com gradeamentos de ferro. A escadaria em madeira, com um lanternim no seu topo, distribui para as salas de estar, que conduzem para o corredor, o quais fazem ligação entre espaços nobres e espaços de serviço, que se encontram na parte posterior do piso, como a cozinha e instalação sanitária.

A norte, temos as dependências agrícolas, construídas posteriormente ao palacete, que se caracterizam com a sua implantação em L, tendo dois pisos, com cantarias simples sem ornamentação e cobertura de duas águas. Embora não seja possível datar, existe ainda a norte, no claustro entre as dependências agrícolas e o palacete, um espigueiro em madeira com embasamento em pedra. A Este é possível ver um tanque e um pombal.

Figura 59. DEPENDÊNCIAS
AGRÍCOLAS VISTA DO
PALACETE



Figura 60. PLANTA PISO
SUBTERRÂNEO
Fonte: autora

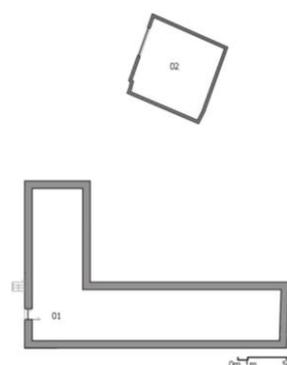




Figura 61. TANQUE E POMBAL
Fonte: autora



Figura 63. ARCAS DE ACESSO A ADEGA E ESTÁBULO
Fonte: autora

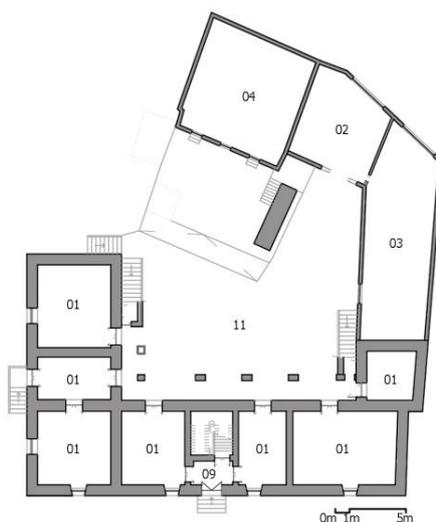


Figura 62. PLANTA PISO TÉRREO
Fonte: autora



Figura 64. COMPARTIMENTAÇÃO PISO TÉRREO – ESTÁBULO
Fonte: autora

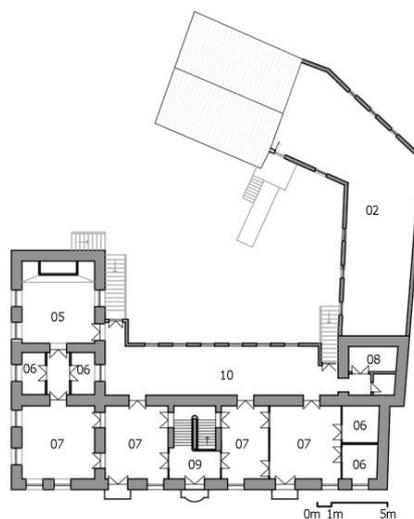


Figura 66. COMPARTIMENTAÇÃO PISO TÉRREO – ADEGA
Fonte: autora

Figura 65. PLANTA PISO NOBRE
Fonte: autora



Figura 68. COZINHA
Fonte: autora

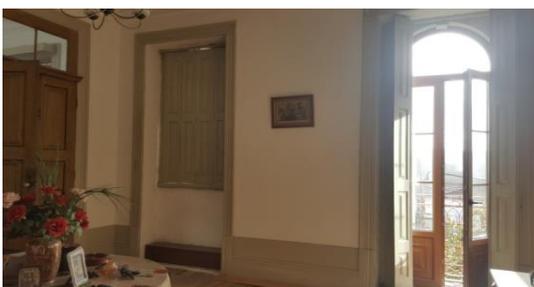


Figura 67. SALA DE ESTAR
Fonte: autora

Figura 70. LANTERNIN
Fonte: autora



Figura 69. VISTA DAS
SALAS PARA AS
ESCADAS
Fonte: autora

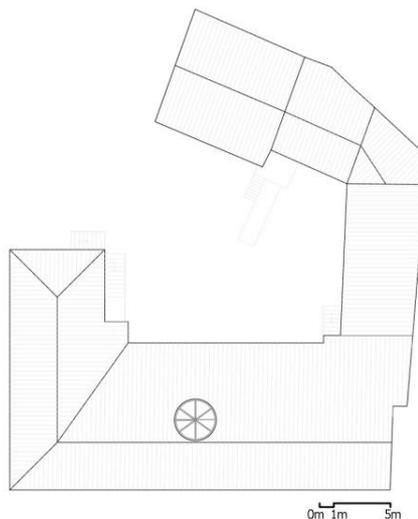


Figura 71. PLANTA DE COBERTURA
Fonte: autora

Figura 72. ESCADARIA
Fonte: autora



Figura 73. VISTA DA
VARANDA
Fonte: autora



DISTRIBUIÇÃO

ESPACIAL :

- 1 – Arrumos
- 2- Dependências Agrícolas
- 3- Garagem
- 4- Casa Empregados
- 5- Cozinha
- 6- Quartos
- 7- Salas de Estar
- 8- Instalação Sanitária
- 5- Cozinha
- 6- Quartos
- 7- Salas de Estar
- 8- Instalação Sanitária
- 9- Escadaria
- 10- Varanda
- 11- Eirado

DESCRIÇÃO DA FACHADA (ESQUEMA TIPOLÓGICO)

A análise métrica dos alçados do palacete permite-nos examinar as proporções gerais dos vãos e o ritmo que estes têm ao longo da fachada. Como unidade métrica base foi eleito o palmo, que mede cerca de 20 cm.

A característica que mais se destaca no ritmo dos alçados é a sua simetria. Enquanto o alçado Principal e o Alçado Lateral Esquerdo apresentam um claro eixo de simetria, no Alçado Tardoz este eixo não é tão evidente, apesar de haver uma clara rítmica nos vãos. Estes podem ser de dois tipos, na fachada principal apenas encontramos vãos com a métrica 7a, enquanto nas restantes fachadas, os vãos passam para a métrica 6a. O espaçamento entre os vãos é maioritariamente regular e semelhante, apenas aumenta, de forma intencional, quando se pretende destacar vãos como varandas ou portas.

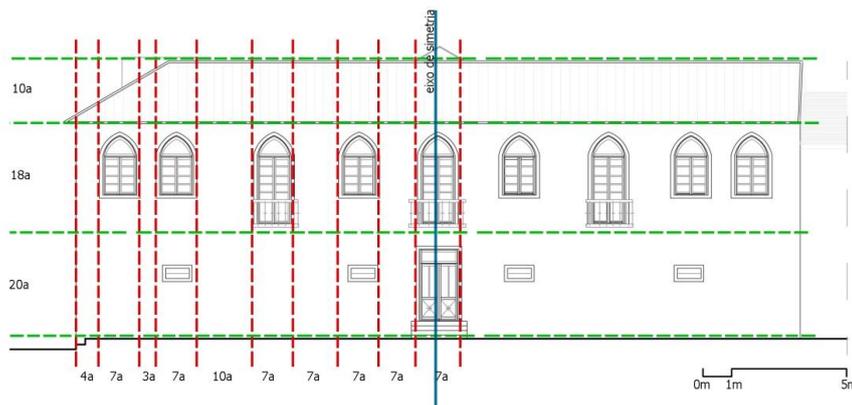
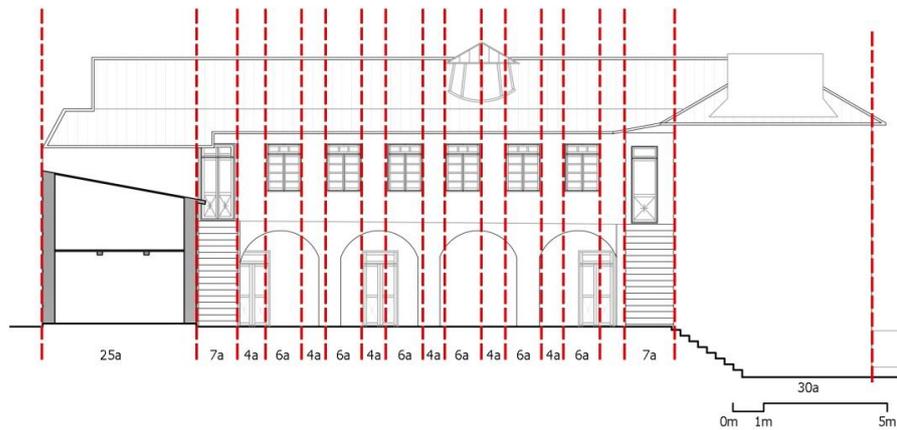


Figura 74. ALÇADO PRINCIPAL - ANÁLISE MÉTRICA
Fonte: autora



Figura 75. ALÇADO LATERAL - ANÁLISE MÉTRICA
Fonte: autora

Figura 76. ALÇADO
TARDOZ - ANÁLISE
MÉTRICA
Fonte: autora



CAPÍTULO VII. GRAUS DE CONSERVAÇÃO: PATOLOGIAS

Como ponto de partida para intervenção no edifício, torna-se necessário fazer um diagnóstico para perceber que nível de conservação e que anomalias a edificação apresenta, de modo a perceber como intervir no processo de reabilitação.

*"Em primeiro lugar, interessa referir que a principal causa das anomalias em edifícios antigos é natural e prende-se com o envelhecimento, inevitável dos próprios materiais."*⁵⁶

Segundo João Appleton, um edifício tem 50 anos de esperança média de vida e, para evitar a sua degradação ao longo deste tempo, é necessário sujeitá-lo regularmente a manutenções.

REVESTIMENTOS INTERIORES

Os revestimentos interiores são sobretudo reboco e assentam sobre paredes "mestras" de alvenaria, paredes de compartimentação de tabique e paredes construídas posteriormente de betão armado. As patologias existentes recaem em humidades e pequenas fissurações. Exemplo disso são as paredes "mestras" das Salas de Estar viradas a Sul (fotografias 1 e 2) que apresentam sujidade e consequente alteração da cor, ataques biológicos como bolores, áreas limitadas de humidade e microfissuras verticais. Este tipo de patologia é frequente em ambientes húmidos pois favorecem o crescimento de musgo e é mais propícia em locais onde existem pontes térmicas, como é o caso.

Já nas paredes "mestras" e divisórias de tabique do piso térreo (fotografias 3 e 5), junto à entrada principal do palacete, é possível ver empolamento e descasque da película de reboco devido às humidades ascensionais, normalmente associadas à ausência de impermeabilização entre a fundação e a parede e à presença de humidade em estruturas de madeira. Na parede de tabique houve uma queda do reboco, sendo possível ver o apodrecimento da estrutura em madeira.

⁵⁶ APPLETON, João. *Reabilitação de edifícios antigos- Patologias e técnicas de intervenção* (2ªed.). p.91

Figura 77. EXEMPLOS DE
PATOLOGIAS NOS
REVESTIMENTOS
INTERIORES
Fonte: autora



Fotografia 1



Fotografia 2



Fotografia 3



Fotografia 4



Fotografia 5



Fotografia 6

As paredes de betão da varanda virada a Norte apresentam vãos com microfissuras extensas horizontais, podendo deduzir a sua causa à falta guarnição dos vãos, acabando por existir uma acumulação de tensões de contração e dilatação dos materiais.

REVESTIMENTOS EXTERIORES

Nos revestimentos exteriores as patologias aparecem apenas: nas fachadas Norte, com a presença de plantas como musgos, algas e líquenes nas pedras de cunhal (fotografia 7), que retém a humidade e produzem substâncias ácidas que degradam

a pedra; e junto aos peitoris (fotografia 8) que apresentam escorrimento do acumular de sujidade e poeiras, devido à falta de inclinação e pingadeira no peitoril.



Fotografia 7



Fotografia 8

Figura 78. EXEMPLOS DE PATOLOGIAS NOS REVESTIMENTOS EXTERIORES
Fonte: autora

PAVIMENTOS E TETOS

É nos tetos e pavimentos que se encontra uma maior preocupação com o grau de conservação do edifício. O estado de deterioração do pavimento (fotografias 9 e 13) diz respeito ao apodrecimento da estrutura em madeira, uma consequência da humidade proveniente de águas pluviais e falta de isolamento na construção. Estas situações na queda dos tetos em gesso (fotografias 10, 11 e 12) que se encontram ligados a estas estruturas. O soalho que reveste os pavimentos do piso nobre apresenta alguma erosão, associada à perda das camadas superficiais.



Fotografia 9



Fotografia 10

Figura 79. EXEMPLOS DE PATOLOGIAS NOS TETOS E PAVIMENTOS
Fonte: autora



Fotografia 11



Fotografia 12



Fotografia 13

DISPOSITIVOS DE PROTEÇÃO CONTRA QUEDA

Os dispositivos de proteção contra queda apresentam sinais de corrosão avançada (fotografia 14 e 15) e ligeira (fotografia 16), com a perda de tinta em algumas zonas. Esta patologia ocorre nas estruturas metálicas que se encontram maioritariamente à sombra e expostas às humidades exteriores.

Figura 80. EXEMPLOS DE PATOLOGIAS DOS DISPOSITIVOS CONTRA QUEDA
Fonte: autora



Fotografia 14



Fotografia 15



Fotografia 16

PARTE III | PROPOSTA
ESTRATÉGIA GERAL DE INTERVENÇÃO, PROGRAMA, ESCALA DO HABITAR

CAPÍTULO VII.1. ESTRATÉGIA GERAL DE INTERVENÇÃO

*"É certo que a pousada introduzirá novo uso no velho mosteiro, mas é certo, Também, que se os homens fazem as casas, as casas fazem os homens, o que justifica a manutenção, no novo edifício, de uma escala e de um ritual de espaços que, traduzindo a presença de um passado que seguramente não volta, aqui se recordam e utilizam pela atualidade do seu significado."*⁵⁷

OPÇÕES PROJETUAIS: DA PRESERVAÇÃO À SUBSTITUIÇÃO - DA DEMOLIÇÃO À OBRA-NOVA

Tal como Fernando Távora no Mosteiro de Santa Marinha, a componente prática da presente investigação, que desenvolve as questões e conceitos abordados previamente, procura através de novos usos dar continuidade ao edifício, adaptando-o ao mesmo tempo que conserva e reafirma o valor arquitetónico do conjunto, assim como dos espaços mais significativos.

O terreno escolhido para a Pousada de Santiago, em Santa Maria da Feira, possui ótimas condições de acesso e um magnífico enquadramento paisagístico, situando-se num terreno com declive suave. A implantação da pousada resultou logicamente do facto de a melhor orientação solar coincidir neste caso com a melhor orientação panorâmica, efetivamente, escolhendo o Sul como orientação geral mais favorável para as salas e quartos. O sentido projetual adotado, inspirado na pousada de Távora, foi o de reintegrar o palacete no novo conjunto, tentando modificá-lo quanto menos possível. A ligação física à pré-existência é feita com o desenho de um volume envidraçado a nascente e a poente, dando ao utilizador a oportunidade de presenciar um percurso com vista para a quinta, tal como também Carrilho da Graça projetou na sua obra da pousada Flor da Rosa.

⁵⁷TRIGUEIROS, Luiz.. *Fernando Távora*. p. 116

Figura 81. PLANTA ESQUEMÁTICA DOS EDIFÍCIOS A REABILITAR, DEMOLIR E NOVA CONSTRUÇÃO
Fonte: autora



A estratégia geral de intervenção passa pela análise das alterações que o edifício sofreu ao longo do tempo, com o intuito de remover todos os elementos que destoam da antiguidade do palacete. Segue-se a linha de pensamento dos arquitetos cujas obras foram usadas como casos de estudo – Pousada de Santa Marinha da Costa, Pousada Flor da Rosa e Pousada de Arraiolos – com o objectivo de tornar o novo edifício num exercício de desenho o mais puro possível, onde a geometria, o equilíbrio e a simetria se destacam. Relativamente às construções agrícolas existentes na quinta, prevê-se a sua demolição, pois são construções que foram crescendo ao longo do tempo, e sem valor patrimonial ou estrutural.

Deste modo, a abordagem entre o “moderno” e o “antigo” surge com contraste evidente e expressão na medida em que o palacete se destaca pelas suas cores e texturas, enquanto a nova construção assume-se com grandes planos brancos, construídos em betão armado.

CAPÍTULO VII.2. CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

Artigo 6.º

Classificação das pousadas e estabelecimentos hoteleiros instalados em edifícios classificados

3 - Os estabelecimentos hoteleiros instalados em edifícios classificados como monumentos nacionais, de interesse público, de interesse regional ou municipal, ou em edifícios que, pela sua antiguidade, valor arquitetónico e histórico, sejam representativos de uma determinada época poderão ser dispensados dos requisitos mínimos obrigatórios se esses requisitos se revelarem suscetíveis de afetar as características arquitetónicas ou estruturais dos edifícios.⁵⁸

À semelhança do caso de estudo Flor da Rosa, também aqui o conteúdo programático se distribui equitadamente pelos dois volumes, onde o eirado se assume como centro. Na zona nobre temos as áreas sociais e de estar, enquanto no novo corpo temos maioritariamente os quartos.

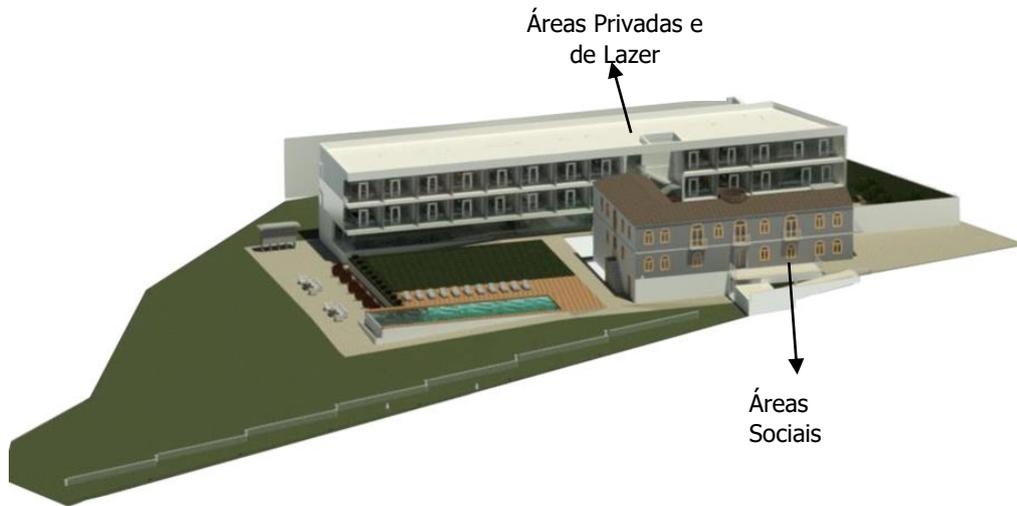
É no palacete, com a reabilitação e remodelação de interiores, que se afirma a história, cultura e identidade do lugar. Optou-se por preservar os espaços mais significativos da casa, pondo nestas áreas os espaços de estar e de convívio pois, para além das suas características arquitetónicas singulares, é neste edifício que, por ser a estrutura que mais rapidamente se destaca na envolvente, onde se dá o primeiro impacto de chegada. Programaticamente, neste edifício encontramos a receção, restaurante, bar e zonas de apoio.

No novo corpo, a intenção foi diferenciá-lo através de uma nova linguagem arquitetónica. Nele estão distribuídos os elementos programáticos que requerem mais privacidade e maior preocupação ao nível das infraestruturas e de dispositivos técnicos. Neste volume, estão distribuídos pelos 2 pisos acima do solo, as 22 suites, que resultaram da comparação do número de quartos/ área de intervenção dos casos de referência, onde 20 suites dispõem de 30m² e 2 suites presidenciais com 70 m², em que cada uma delas possui uma varanda virada a sul. No piso abaixo da cota do solo, instalamos o Spa, que integra uma piscina interior, ginásio, sala de massagens e balneário; a estas acrescem-se áreas técnicas de apoio ao edifício. Existe, ainda,

⁵⁸ Portaria n.º 327/2008 de 28 de abril

em cada piso, e apoiada por um elevador, uma área técnica reservada para serviço dos funcionários.

Figura 82. ESQUEMA DAS ÁREAS DE INTERVENÇÃO
Fonte: autora



PALACETE	RECEPÇÃO	60 m ²
	RESTAURANTE	71 m ²
	SALA DE ESTAR	127 m ²
	BAR	29 m ²
	COZINHA	70 m ²
	ÁREA TÉCNICA	58 m ²
VOLUME CONTEMPORÂNEO	QUARTOS	30 m ² X 20+ 70 m ² X 2
	SPA	316 m ²
	ÁREA TÉCNICA	250 m ²

ÁREA DE IMPLANTAÇÃO 7 191m²

Tabela 1. QUADRO DE ÁREAS DO PROGRAMA

CAPÍTULO VII.1. PROPOSTA DE INTERVENÇÃO

Esta fase é caracterizada pela distribuição do conteúdo programático descrevendo, não só o espaço interior de cada construção, mas também a materialidade, os percursos e as inspirações projetuais, que me conduziram para uma linha de suporte a todo o programa.

Palacete | Reabilitação

Ao passar no centro da aldeia do Lobão, e já imersos na paisagem e na belíssima igreja matriz, olhamos diretamente para o palacete, que virá a compor o centro logístico de todo o complexo. O edifício é o coração do produto turístico, pois distribui e garante todo o seu funcionamento. Trata-se do “postal” da obra, a imagem de marca por assim dizer, pois é nele que nos focamos no primeiro impacto de chegada.

Como já referido anteriormente, é nesta estrutura que encontramos a receção, restaurante, zonas de estar, mas também a cozinha e gabinetes administrativos, que se dedicam ao controle e organização.

O primeiro espaço com que nos deparamos tem um carácter enigmático para o visitante/hóspede: quem entra pode espreitar através dele e descobrir tanto o eirado (que foi recuperado) como a nova construção, por isso aí se localiza a receção. A escolha da localização da entrada na pousada com as características mencionadas, teve, mais uma vez, como inspiração a Pousada de Carrilho da Graça, pois o ambiente que aí se experimenta é o que eu pretendo para os hóspedes da Pousada de Santiago do Lobão.



Figura 84. ILUSTRAÇÃO DA VISTA DA RECEÇÃO PARA O EIRADO E PARA A NOVA CONSTRUÇÃO
Fonte: autora

Figura 83. ILUSTRAÇÃO DA VISTA DA GALERIA PARA O EIRADO E NOVA CONSTRUÇÃO
Fonte: autora

No extremo oposto, temos o restaurante que nos oferece uma vista sobre a aldeia e a igreja. O palacete apresenta ainda mais dois pisos: no piso inferior que se encontra parcialmente enterrado, encontramos as zonas de administração e cozinha; no piso superior deparamo-nos com os lugares de encontro social, como uma sala de estar com bar e sala de jogos. Nestas zonas podemos sentir as vivências das memórias, com elementos conotativos do passado, e ainda, por este piso se situar acima das copas das árvores, é possível ver de uma forma clara e ampla os territórios agrícolas da região.

Volume Contemporâneo | Obra Nova

Antes de prosseguirmos para o caminho que nos conduz à nova construção, dedicada às zonas de dormir e de lazer, conseguimos já direcionar o nosso olhar sobre esta.

O toque entre a “obra nova” e a “obra antiga” é feito através de um corredor que utiliza características das duas construções. Se por um lado é composto por materiais contemporâneos como o betão, o seu desenho remete-nos para os arcos que delimitam o eirado do palacete. Esta galeria pretende dar continuidade à história do palacete através da adição de um novo volume, onde não existe uma distinção entre o novo e o antigo, mas sim uma simbiose. É nossa ideia equilibrar o diálogo entre o nosso e o antigo, algo que me surgiu após a visita à Pousada de N.^a Sr.^a da Assunção, onde é evidente esta intenção do arquiteto João Paulo dos Santos.

Figura 85. VISTA DA
GALERIA
Fonte: autora



O novo volume é desenhado paralelamente à rua principal da região e segundo o declive natural do terreno. Este corpo de linhas contemporâneas é construído embetão e revestido a mármore. Daqui, seja qual for a divisão em que o hóspede esteja, conseguirá estar sempre em contacto visual com o palacete e com a envolvente.

No último piso, onde se localiza a zona Lazer/Spa, está presente uma piscina interior, para que os hóspedes possam dela usufruir depois de um passeio, e quando o tempo não permitir recorrer à piscina exterior. Esta, embora estando mais recuada face ao exterior, não perde a amplitude de vistas, podendo os hóspedes, durante todo o ano, contemplar a paisagem.

Espaços Exteriores | Percursos

Os percursos exteriores criados têm como objetivo unificar todo o terreno. Deste modo, existem dois tipos de percursos.

O primeiro localiza-se entre o palacete e a obra nova e corresponde ao eirado da casa. A presença de um espaço exterior que funciona como claustro é bem visível no Mosteiro de Santa Marinha da Costa e no Convento de Arraiolos por razões tipológicas da obra original. Aqui, não se tratando de uma questão explicitamente tipológica, reata com a existência de um eirado e de uma área aberta, mas recolhida, essencialmente devido ao carácter funcional do palacete. Este espaço funciona como rótula de todo o edifício, onde o novo e o antigo se fundem e formam um ambiente interior. É uma zona de estar mais recatada, onde a sombra natural e o silêncio são as principais características.



Figura 87. PERCURSO 1 - VISTA PARA A O EIRADO
Fonte: autora

Figura 86. PERCURSO 2 - VISTA PARA A ZONA DA PISCINA EXTERIOR
Fonte: autora

O segundo percurso encontra-se fora das construções, no declive natural do terreno, e oferece um conjunto de atividades ao ar livre. Neste percurso os hóspedes estão em contacto visual com a aldeia e com a memória do local, no qual o espigueiro (que

sem encontrava no eirado e foi reabilitado), a vinha e o marulhar da água do tanque,entretanto recuperado, são o pano para um momento de lazer na zona da piscina exterior.

PARTE IV | CONSIDERAÇÕES FINAIS

O despovoamento do interior do país deve-se à falta de habitantes e conseqüente falta de estruturas, levando ao desconhecimento destes locais. No entanto, estas zonas não estão despromovidas de património cultural. É necessário que se analisem novas estratégias, e aliar o passado e o presente ao futuro poderá ser a solução. O turismo, como atividade de consciencialização e valorização das zonas rurais, ajuda na promoção destas de regiões.

Mais do que isso, a existência de um turismo com características rurais vai ao encontro de novas áreas e de novos gostos, em que o espaço campestre e serrano ou o espaço aldeão se apresenta agora como alternativa à praia. Esta tendência tem vindo a ser reforçada e embora em grande parte da Europa já se encontrasse em desenvolvimento desde os finais dos anos 70, começa agora a fazer o seu caminho em Portugal que vem sendo redescoberto. Contudo há uma procura com novos contornos do ponto de vista turístico: por uma lado, mais exigente quanto aos *standards* exigidos pelos turistas nacionais e estrangeiros, mas ao mesmo tempo mais singelo na aspiração que preside a esta busca com o contacto com a natureza, a que acresce um muito positivo contacto com a população, num processo de cosmopolitização não urbana, mas antes rural e de exploração, com extensões, antenas, progressos e interesses de carácter paisagística, de turismo "natural" e de turismo patrimonial.

Quanto ao projecto que aqui se apresenta haverá, certamente, pontos de vista diferentes. Os paradigmas da reconversão são hoje múltiplos pelo que se pode dizer que afinal não existem paradigmas. Existe sim um ecletismo de soluções variadíssimas, e até uma certa liberdade inventiva, que vai do restauro puro e simples, proventura com aproveitamento turístico, até à obra nova de grande escala, como se viu no processo do "ciclo de pousadas" desde os anos 80. Pode considerar-se este processo ultrapassado, bem entendido, mas hoje ainda se observam, cada vez com mais qualidade, intervenções em que a obra nova dialoga com a obra antiga e com o conjunto original com resultados extremamente positivos, como cremos ter demonstrado através dos casos de estudo apresentados.

Este é o partido que adotei nesta proposta.

Contrastando, não deixamos, porém, de reconhecer que hoje em dia outros processos vêm a luz do dia. Um caso que deixei para o fim, e que é mais recente, reporta-se a obra de Eduardo Souto Moura. Nesta obra encontramos no capítulo da reconversão, propostas como a do Mosteiro do Bouro, que o leva ao reaproveitamento do espaço existente sem grandes adições, mas também a conjuntos mais propósitos onde a obra nova ocupa uma boa parte do trabalho projetual, como é o Convento das Bernardas em Tavira.



Figura 88. HERDADE DE SÃO LOURENÇO DO BARROCAL EM REGUENGOS DE MONSARAZ, SOUTO MOURA

Fonte: www.cm-reguengos-monsaraz.pt

O contraste surge na recém premiada obra de reconversão da Herdade de São Lourenço do Barrocal em Reguengos de Monsaraz. Aqui é visível uma atitude radical. Não só porque reconduz à arquitectura do monte praticamente inalterada ou apenas “corrigida” para corresponder ao programa, mas também porque desdenha qualquer intenção de obra nova mantendo o ambiente rural pretendido e procurado por quem visita.



Figura 89. CONVENTO DAS BERNARDAS DE TAVIRA, SOUTO MOURA

Fonte: www.archdaily.com

A obra que Souto Moura defende para as Bernardas de Tavira age quase em sentido oposto: não descarta a tradição local e as memórias antigas e recentes, mas transforma fortemente o carácter do lugar, concedendo-lhe uma vivência e um futuro que se quer viável para a exploração turística.

Já Longroiva Hotel Rural verifica-se a dimensão das alterações num processo de conversão particularmente feliz, em que a topografia se impõe ao projecto com um aproveitamento de grande elegância.



Figura 90. LONGROIVA HOTEL RURAL

Fonte: www.hoteldelongroiva.com

O projecto que aqui se apresenta pretende ser um compromisso entre duas formas de intervir no património: repor a sua condição de viabilidade económica como fator essencial para a manutenção da arquitectura de valor relativo, mas inevitavelmente marcante na aldeia em que se encontra, proporcionando um módico de descanso e de lazer, e uma possibilidade de harmonia entre o novo e o antigo num processo de transições e discursos arquitetónicos equilibrados, sucinto no caso da obra nova – respeitando as métricas que evocam a obra antiga, melhorando os revestimentos, mobilando os espaços, abrindo horizontes – de modo a que o usufruto natural e aldeão se encontrem a par com um serviço de turismo de qualidade e de exigência, que nos conduz também à esfera da exigência estética.

Relatório composto de 12 300 palavras.
Escrito ao abrigo do novo acordo ortográfico.

PARTE V | BIBLIOGRAFIA

Bibliografia

- Appleton, J. (2011). *Reabilitação de Edifícios Antigos - Patologias e Técnicas de Intervenção*. Lisboa: ORION.
- Cunha, L. (2009). *Introdução ao Turismo (4ª ed.)*. Lisboa: Editorial Verbo.
- Dicionário de Língua Portuguesa - Dicionários Editora*. (1991). Porto: Porto Editora.
- Domingues, Á. (2012). *Vida no Campo*. Dafne Editora.
- Girão, A. d. (1941). *Geografia de Portugal*. Porto: Portucalense Editora.
- Gonçalves, D. G. (2001). *Turismo em Espaço Rural - Aplicação no Parque Natural da Serra da Estrela. Dissertação de Mestrado em Arquitetura apresentada à Universidade da Beira Interior*. Covilha.
- Gonçalves, J., Noé, P., & Guimarães, M. (2005). *Sistema de Informação para o Património Arquitetónico*. Obtido de <http://www.monumentos.gov.pt>
- Herculano, A. (1867-1873). *Portugalia Monumenta Historica, Diplomata et Chartae (Vol. I)*. Lisboa.
- Kayser, B. (1990). *La Renaissance rurale. Sociologie des Campagnes du Monde Occidental*. Paris: Armand Colin.
- Kyser, B. (1990). *La Renaissance rurale. Sociologie des Campagnes du Monde Occidental*. Paris: Armand Colin.
- Leal, P. (1822). *Portugal Antigo e Moderno, vol.IV*. Harvard: Mattos Moreira.
- Lima, F. d. (1936). *Pousadas - Tese apresentada à IV Secção do I Congresso Nacional de Turismo*. Vila Nova de Gaia: Sociedade Nacional de Tipografia.
- Lobo, S. (2006). *Pousadas de Portugal - Reflexos da Arquitetura do século XX*. Coimbra: Universidade de Coimbra.
- Matosso, J. (1994). *História de Portugal - A segunda Fundação (Vol. 6)*. Lisboa: Editorial Estampa.
- Matosso, J. (1993). *O passado proto-histórico e romano*. Lisboa.
- Matosso, J. (1980). *Paróquias in Dicionário da História Religiosa de Portugal*.
- Matosso, J., Krus, L., & Andrade, A. (1989). *O Castelo e a Feira, a Terra de Santa Maria nos séculos XI a XIII*. Lisboa: Editorial Estampa.
- Moreira, D. A. (CDPSC, Ed.) *ULfinanis Villa , IV*.
- Pereira, P. (2005). *"As Formas" in Minho - Traços de Identidade*. Braga: Universidade do Minho.
- Pereira, P. (2000). *Património Edificado: Pedras Angulares*. Lisboa: Aura.
- Pereira, P., & Rodrigues, J. (2009). *O Mosteiro Flor da Rosa*. Lisboa: IPPAR, col. Monografias.
- Pereiro, X. (2009). Turismo Cultural - Uma visão Antropológica. *PASOS - Revista de Turismo y Património Cultural* , 4.
- Pina, P. (1988). *O turismo no século XX*. Lisboa: Lucidus Publicações.
- Ribeiro, J. P. (1978). *Levantamento Arqueológico do Concelho da Vila da Feira*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto.
- Ribeiro, O. (1988). *As Condições Climáticas in "Geografia de Portugal", vol. II*. Lisboa: Edições Sá da Costa.
- Sampaio, A. *As vilas do Norte de Portugal*.
- Santos, E. d. S. Jorge na história e no Mundo - ao encontro das origens. *Vila da Feira , nº32*.
- Sousa, A. d. *Respingos da toponímia Feirense*.

Trigueiros, L. *Fernando Távora*.

Veiga, J. F. (2005). *Território e Desenvolvimento LOcal*. Oeiras: Celta.

Venda, C. (2008). *Reabilitação e Reconversão de Usos: O caso das pousadas como património*. *Dissertação de Mestrado em Arquitetura apresentada ao Instituto Superior Técnico*. Lisboa.

INSPIRAÇÕES ARQUITETÓNICAS

Estas inspirações arquitetônicas inserem-se no subtítulo do trabalho, incidindo nos conceitos de reabilitação e reconversão, mostrando as ambivalências de um edifício e das diferentes funções que este pode oferecer à comunidade, incidindo na questão prática com a relação harmoniosa e coerente das pré-existências e do novo edificado

CAMARA MUNICIPAL DA VILLA DE POSADA

Villa de Posada, Córdoba | século XIX | Atlier Galera Arquitectos, 2015



Figura 91. PALACETE ANTES (1903) E DEPOIS (2015) DA REABILITAÇÃO

Localizada na *Plaza de la Constitución*, na pitoresca vila de Posadas, a 30 km do casco histórico da cidade de Córdoba, encontramos um palácio do século XIX de influência renascentista. A construção de 1888 apresenta dois pisos e uma galeria interior decorada com arcos sobre colunas, a sua envolvente é delimitada por três ruas, e a fachada principal, onde se encontra embutido um relógio corado, está virada para a *Plaza* principal, onde no início do século XVII se deu a Constituição da Primeira Republica.

Foi sobre estas características singulares, que o *atlier* Galera Arquitectos trabalhou, onde através da sua reabilitação e ampliação, o converteu no novo edifício da junta de freguesia de Posada. O projeto feito pelo grupo de arquitetos, que conjuga o antigo palácio com um novo volume, teve como principal estratégia a valorização de elementos notórios existentes no edificio histórico, dando novos usos aos espaços. A diversificação de percursos, um pelas escadas já existentes dispostas no hall de entrada e outro por umas novas escadas que unem todos os pisos, dão a conhecer ao público os valores da edificação, como o vestíbulo, as galerias, pátios e salões.



Figura 92. PLANTA PISO TERREO
Fonte: www.posadas.es

Figura 93. PLANTA PISO 1
Fonte: www.posadas.es

Figura 94. PLANTA PISO 2
Fonte: www.posadas.es



Figura 95. ALÇADO DA FACHADA PRINCIPAL
Fonte: www.posadas.es



Figura 96. CORTE TRANSVERSAL
Fonte: www.posadas.es



Figura 97. CORTE LONGITUDINAL
Fonte: www.posadas.es



DISTRIBUIÇÃO do PROGRAMA :

- 1- Escadas Palacete
- 2- Escadas Novas
- 3- Vestíbulo
- 4- Sala de Plenários
- 5- Pátio
- 6- Salões
- 7- Gabinete
- 8- Varanda
- 9- Sala Presidente
- 10 - Gabinetes

O novo volume, que flutua sobre a construção já existente, ao mesmo tempo que respeita a sua fachada principal, caracteriza-se pela versatilidade e flexibilidade dos espaços interiores. O invólucro de luz torna-se quase transparente a partir do interior, mas pelo exterior este novo volume oferece uma imagem dinâmica que altera a leitura estática do palacete. Este corpo metálico, favorece e evita a forte luz solar direta, funcionando como um colchão térmico, proporcionando uma maior eficiência energética ao edifício.

Figura 98. FOTOGRAFIAS DEPOIS DA REABILITAÇÃO, 2015

Fonte: www.posadas.es





PALÁCIO FONDACO DEI TEDESCHI
Veneza | século XIII | Atelier OMA, 2009

Figura 99. VISTA DO GRAN
CANAL
Fonte: www.oma.eu



Localizado em Veneza, perto pé da Ponte Rialto e em frente ao mercado do peixe, o Palácio Fondaco Dei Tedeschi é um dos maiores e mais reconhecidos edifícios da cidade Italiana. O palácio é simbolo do auge das atividades comerciais marítimas venezianas e também simbolo de interculturalidade. Construído em 1228, o palácio viu algumas alterações serem feitas devido aos diferentes usos que já teve e aos dois incêndios que sofreu. Inicialmente era utilizado como depósito de mercadorias, depois de um incêndios em 1505 foi restruturado de modo a servir como alfândega na época de Napoleão, já em tempos modernos foi a histórica sede dos serviços de correios de Veneza, até 2008, quando foi comprado pelo Grupo Benetton e transformado numa loja. O palácio sobreviveu a quase 800 anos de história, sofrendo várias intervenções arquitetônicas, cuja preservação conjuga cinco séculos de técnicas de construção.

Figura 100. PLANTA PISO
TÉRREO – 1505
Fonte: www.oma.eu

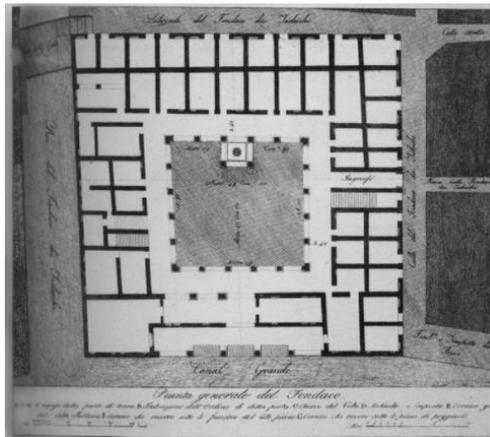


Figura 101. ILUSTRAÇÃO
ALUSIVA ÀS ATIVIDADES
MERCANTIS – 1616
Fonte: www.oma.eu



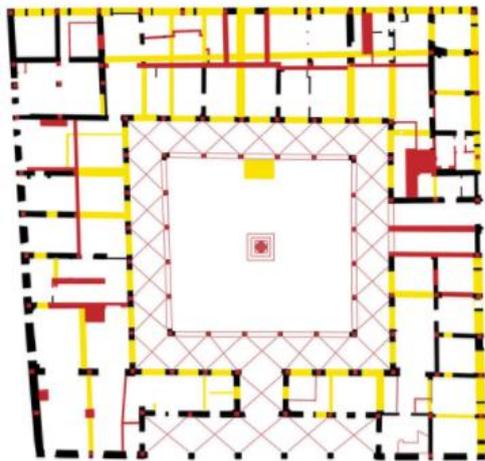


Figura 102. PLANTA PISO
TÉRREO, AMARELOS &
ENCARNADOS, DESDE
1900

Fonte: www.oma.eu

Figura 103.
RECONSTRUÇÃO DAS
ARCADAS – 1930

Fonte: www.oma.eu

Em 2008, o projeto de reestruturação foi entregue ao atelier OMA, liderado pelo conceituado arquiteto holandês Rem Koolhaas, que procurou recuperar algumas características do edifício que se tinham perdido com o tempo. Trata-se de uma refuncionalização partindo de um restuário, onde o programa distribui os 7 mil m² em três andares, no qual resultaram transformações espaciais com impacto estrutural, devido aos dispositivos de circulação vertical que suportam o novo programa. Pode ser considerando um tipo de intervenção radical, sem que a configuração externa fosse afetada e mantendo a lógica interna do edifício pré-existente, deixa à vista as cicatrizes das intervenções renascentistas, mas ao mesmo tempo dá-nos uma noção da passagem do tempo.

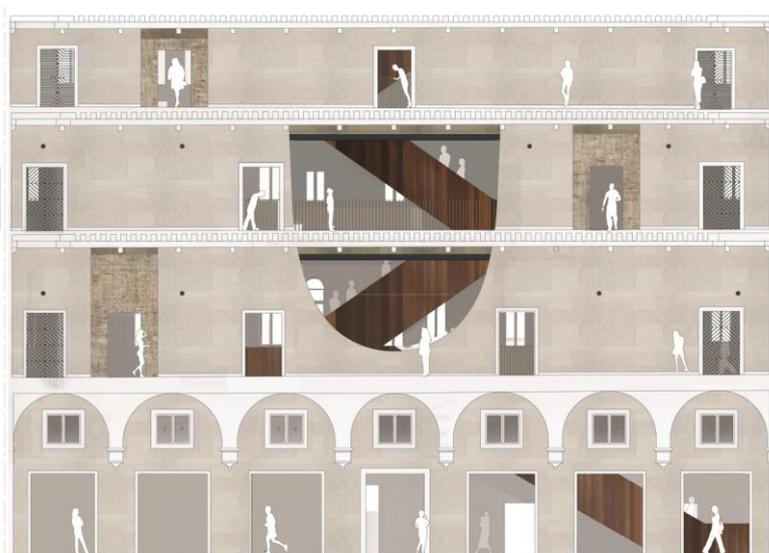


Figura 104. CORTE
TRANSVERSAL

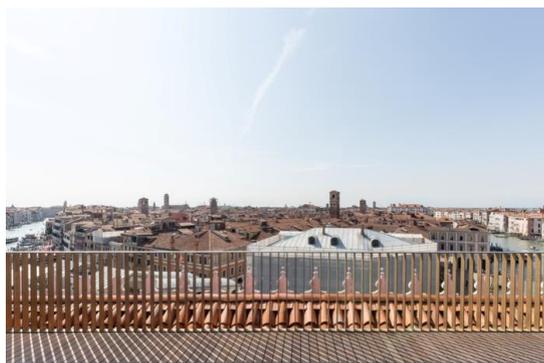
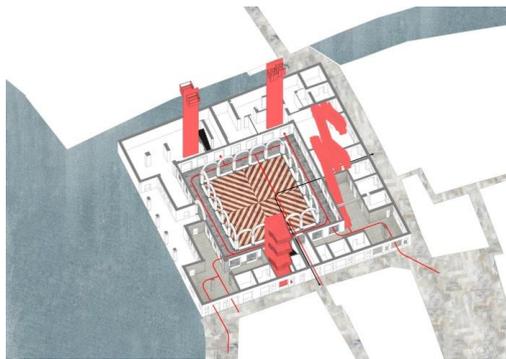
Fonte:

www.archdaily.com.br

O interior do edifício é um grande espaço aberto, remetendo-nos para as praças de Veneza, onde até mesmo o poço, que está presente na maioria dos campos venezianos, é elemento do projeto. A sequência de arcos presentes nos três andares delimitam os corredores deste novo shopping. São os novos acabamentos que fazem contraste no palácio, as escadas rolantes com detalhes de vermelho, e as texturas douradas, que se destacam das paredes de tijolo e alvenaria. O projeto de requalificação foi feito deste o piso térreo até à cobertura, onde nesta temos um terraço com vista 360ª sobre Veneza, podendo admirar o Grande Canal e os telhados venezianos.

O Fondaco dei Tedeshi reativa-se assim como grande ponto turístico para turistas e venezianos. A renovação mantém a vitalidade do palácio, evita reconstruções nostálgicas e põem à vista a imagem pura do edifício histórico, permitindo novas perspetivas de leitura.

Figura 105.
FOTOGRAFIAS
POSTERIORES À
INTERVENÇÃO
Fonte: www.oma.eu





ESCOLA DE MÚSICA DE CASCAIS
Estoril | Início século XX | ARX Portugal Arquitetos, 2007



Figura 106. VISTA GERAL
NORTE, ATUAL
Fonte: www.ARX.pt

Em pleno coração do centro histórico do Monte Estoril, concelho de Cascais, encontramos uma construção original do séc. XX destinada a habitação unifamiliar, conhecida por “*Chalet* Madalena, onde mais tarde albergou a “Pensão Boaventura”.

Através de um projeto de reabilitação e ampliação, o atelier ARX converte a antiga habitação na mais recente sede da Orquestra da Câmara de Cascais e Oeiras. A equipa de arquitetos optou por preservar as pré-existências, não propriamente devido às características arquitetónicas, modestas, mas sim porque obedece a uma tipologia característica do Estoril, cujos exemplares estão a ser demolidos e substituídos por apartamentos ou escritórios que enchem a totalidade dos lotes, não deixando espaço para jardim e bloqueando a interação visual.

O interior da casa foi reconstruído, respeitando a tipologia cruciforme da distribuição espacial da casa original, mas adaptada às necessidades atuais. A maioria das salas do novo programa, situadas no antigo chalet, são pequenas e projetadas para o

ensino de música, individual ou em grupos. No novo volume, encontramos a sala polivalente, de maiores dimensões que as anteriores, e destinada a espetáculos de orquestra. O novo volume aparece como extensão do embasamento em pedra, onde a sua geometria cria relações visuais com a envolvente, dando a cobertura lugar a um terraço para lazer.

Figura 107. PLANTA
PISO TÉRREO
Fonte: www.ARX.pt

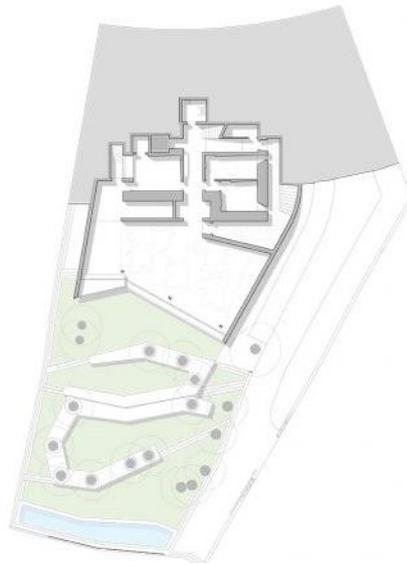


Figura 108. PLANTA
PISO 1
Fonte: www.ARX.pt

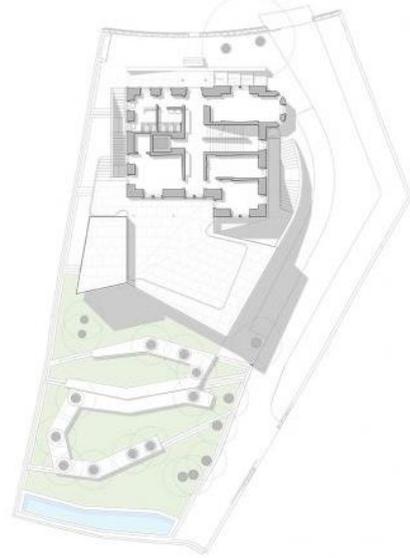


Figura 109.
FOTOGRAFIAS
ANTERIORES À
INTERVENÇÃO
Fonte: www.safre.pt





O acrescento de obra nova insere-se na prática do atelier, de raízes desconstrutivistas, e corta decididamente com o passado. Atendendo, porém, à modesta expressão do edifício que necessitava de refuncionalização e de novo uso, bem como de obras de recuperação, o arrojado corpo novo, abrindo-se para o tardoz do edifício e jardim contíguo, assume uma linguagem contemporânea, inspirando-se em dominantes “gráficas” e de “projeção” de linhas da edificação pré-existente, reinterpretando e mudando as escalas. A fachada é referenciada por novas cores que lhe introduzem uma nota contrastante, pese embora manter toda a métrica original.

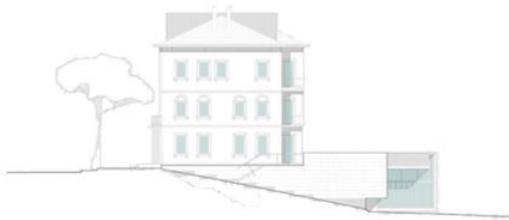


Figura 110. ALÇADO OESTE
Fonte: www.ARX.pt

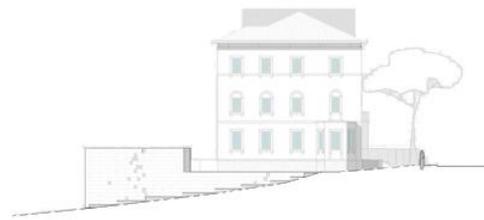


Figura 111. ALÇADO ESTE
Fonte: www.ARX.pt



Figura 112. ALÇADO SUL
Fonte: www.ARX.pt

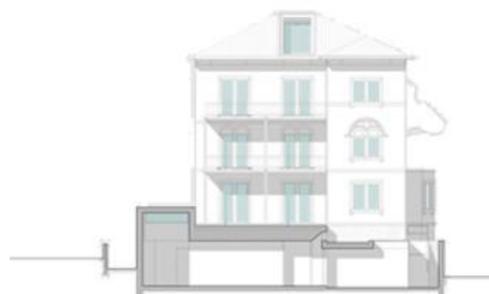


Figura 113. CORTE
TRANSVERSAL
Fonte: www.ARX.pt

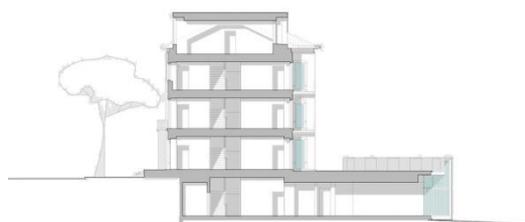


Figura 114. CORTE
LONGITUDINAL
Fonte: www.ARX.pt

Figura 115. FOTOGRAFIAS
POSTERIORES Á
INTERVENÇÃO
Fonte: www.ARX.pt



ELEMENTOS FOTOGRÁFICOS - PALACETE



VISTA GERAL



VISTAS PARA A FACHA PRINCIPAL



PERCursos EXTERIORES



VISTAS PARA O EIRADO



VISTAS COZINHA



VISTAS SALA DE ESTAR



VISTAS PARA A ESCADARIA



ESPIQUEIRO



POMBAL



GABINETE PRESIDENTE DA JUNTA



AZULEJO INICIAL DA FACHADA PRINCIPAL



INSTRUMENTO AGRÍCOLA

ELEMENTOS CONOTADORES DA HISTÓRIA DA QUINTA



ELEMENTOS CONOTADORES DA HISTÓRIA DA QUINTA
PRODUÇÃO VÍNICA

